



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA
GRANDE DOURADOS**

**PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
TERRITORIALIDADE -
FAIND/UFGRD**



**GUARANI MBA'E TEÉ - TEKÓ MARANGATU: A RELIGIÃO DOS GUARANI
DA PIRAJUÍ- OS IMPACTOS DO CRISTIANISMO NA ESSÊNCIA DA
RELIGIÃO TRADICIONAL E A SUA RESISTÊNCIA**

Geoni Morales

Texto produzido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade, na FAIND-UFGRD, Dourados, como pré-requisito para o recebimento do título de mestre no referido PPGET.

DOURADOS, MS, 2024

Geoni Morales

**GUARANI MBA'E TEÉ - TEKÓ MARANGATU: A RELIGIÃO DOS GUARANI
DA PIRAJUÍ-OS IMPACTOS DO CRISTIANISMO NA ESSÊNCIA DA
RELIGIÃO TRADICIONAL E A SUA RESISTÊNCIA**

DOURADOS, MS, 2024

Agradecimentos

Desde princípio, quero deixar registrado os meus sinceros agradecimentos a minha família, por me apoiar em todos os momentos que precisei me ausentar, principalmente durante as etapas presenciais do curso, momento em que me encontro longe deles, mas diria que é por uma boa causa, pois sempre tive curiosidades de saber como é fazer o curso de mestrado. Quero agradecer a minha mulher Delize Duarte, pelas palavras bonitas quando falo que pretendia desistir, porque em muitas ocasiões me encontrava em dificuldades financeiras e nesses momentos ela me fortalecia e me motivava constantemente para poder prosseguir nessa caminhada; e aos meus dois filhos, principalmente quando o maior me perguntava: quando você volta de Dourados? Agradeço também aos meus pais, Justina Milton e Maximino Morales, mesmo sendo pessoas humildes, sem muitas condições materiais, sempre se prontificavam em me ajudar. Meu pai sempre dizia: se precisar, estamos aqui! Ao meu irmão Edvaldo Morales por não medir esforço de me levar no ponto de ônibus, com chuva, sem chuva, no calor e no inverno para eu poder me deslocar até Dourados. A ele os meus agradecimentos por não se negar nenhuma vez em fazer isso. Agradeço também ao Otoniel, coordenador da Escola Estadual Santiago Benites, extensão Pirajuí, que sempre fazia de tudo para poder me liberar do trabalho para me ausentar a fim de cumprir os meus estudos. Assim sendo, OBRIGADO meu querido amigo e colega de escola, que o nosso Tupã te devolva tudo que você fez por mim em dobro. No ano posterior, quando ministrava aula em duas escolas da Pirajuí, os meus agradecimentos vão para o meu amigo Fidêncio Vera, coordenador da outra escola, que me apoiava bastante. Obrigado a você pelo apoio.

Não posso deixar de agradecer aos meus interlocutores que se disponibilizaram compartilhar comigo os conhecimentos que eles têm sobre aquilo que eu venho indagando, em especial ao meu tio Avelhano Medina que já não está mais entre nós, que faleceu no ano de 2023. Ele era um senhor de idade que narrou as suas experiências sobre a religião Guarani (Teko Marangatu) e sobre a educação Guarani para mim e para os demais que estiveram me acompanhando no decorrer da minha pesquisa. Eles, os meus interlocutores e interlocutoras, em nenhum momento se negaram em me responder aquilo que eu pretendia saber, demonstrando interesse em passar aquilo que eles ainda sabiam sobre religião Guarani, ou a forma como eles aprenderam com seus pais. Por isso, quero agradecer a cada um (a) deles (as).

E aqui também quero demonstrar a minha gratidão ao professor dr. Antônio Dari Ramos por ter paciência comigo no decorrer da escrita da minha dissertação, em toda hora incomodar ele para fazer as correções, pela paciência e pelo seu tempo. Professor, muitíssimo obrigado, mesmo o senhor tendo outros compromissos em nenhum momento se negou de me atender, sempre fico te enchendo a paciência e, por isso, obrigado “atima porã, ndeve, mbo'ehara, Tupã Ñandejara tome'e ndeve tesãi há vy'a nde rekovepe”. Que o nosso Tupã, o Nãnde Ru Guassú, te abençoe grandemente e que o senhor tenha muita saúde, professor Dari.

Dedicatória

Dedico esse meu trabalho aos jovens Guarani e aos acadêmicos que estão em defesa da nossa cosmologia, que defendem o nosso modo de vida e que ainda buscam a valorização da nossa religião indígena e do nosso próprio Teko Guarani que é umas das coisas mais salutares que existem. Aos Guarani rezadores que não estão mais entre nós – da linhagem da minha família, meu tio Eduardo Vilhalva Morales – e aos rezadores (as) que ainda se encontram na Pirajuí. Dedico esse trabalho às crianças que vão necessitar da nossa religião Guarani no futuro. Dedico à minha avó Juliana Vilhalva que já não está mais entre nós. Mesmo sendo criança, eu a ouvia fazendo as suas preces e também acompanhava seus conselhos sobre a maneira de como devia me comportar diante da natureza e na relação com as pessoas. Somente hoje em dia percebi que essas coisas estão ligadas à nossa religião Guarani e à educação tradicional dos Guarani. Dedico, igualmente, aos pais da minha mãe os quais não pude conhecer, porque eles se foram muitos cedo. Porém, eu gostaria muito de conhecê-los. Eles partiram antes mesmo eu ter nascido, por isso essa minha dedicação ao meu avô e minha avó por parte da minha mãe, a qual não teve uma infância muito boa por conta disso. E, por fim, dedico esse trabalho a todos os Guarani que já tem outra visão sobre sua própria religião e a todos que querem conhecer a religião tradicional dos Guarani.

“...ñane mba’eteé ko imbarete gueteri hina, ñañemokyre’y há ñamombarete pe ñane mba’eteévape ñane mitakuerape, anike ñane kangy tei...” (MEDINA, 2023).

ÑE'E MBYKY

Ko tempiapope, rohai pe mba'e oñemomba'eveva há iporãitereiva umi tapicha Guarani Kuera arandupe. Há'ekuera heko marangatu rehe, ijerokey reheguare, ikatu haguãicha rogueru ñeporandu rupive umi mba'e oñemomba'eguassueteveva rehegua voi, omõimbaiteva jeroky Guarani há teko mbo'epy Guarani kuera haicha. Há mba'e mba'epa ikatu avei nãmoi pe jeroky rehe jehaipy. Há upevagui rohai ñembo'e rehe, porai rehe há jeroky rehe avei. Jehecha há ñemongarai rehegua avei, peva mba'e guassuete, há mba'e rupipa ndojehuvei ko'anga rupi, há mba'epa ojokova chupe, he'ihaicha umi tapicha kuera Guarani Pirajú pegua. Há'ekuera ohechahaicha rohai niko umi Guarani kuera Pirajú pegua arandu há kuaápy rupive. Há rohechauka avei ikatu haguãicha ñamombarete há ñamomba'e jey mbegue katupe, avei oñemoi haguã haipype kuation rehe ikatu haguãicha ojeporu tenondeve umi ipyahuva kuera mbo'ehao rupive avei. Ore niko rohechause pe añeteteguava avei pe há'eteévavoí há mba'eguassuha Guarani kuerape voi pe arandu. Roñe'e avei yma umi karai kuera ou ypy ramo ramoguare avei ñarandu kuera reheve há omboguese pe nãnde reko, aiporamo ndaikatui ombogue guarani kuera reko há arandu. Ko anga rupi heta karai reko oíke há omokangyse pe jeroky há arandu Guarani, aiporamo oñemombarete gueteri. Ko'anga rupi roñepyru avei rohai petei tei rehe há romboguapy kuation pe umi mba'eguassueteveva rehe há pe ipahape roha'ã avei ikatunepa jatopa tapé ikatu haguãicha ñamombarete jey tembiapo mbo'epy, mokyre'y rupive, temimbo'e kuera ndive, tapicha Tekoha pegua umi kunã, kuimba'e há ipyahuva kuera há Ojerokyva kuera ndive. Umi guarani oikuaa porãva pe arandu, kuaápy tekoteve ñamombarete há ñamomba'e jey. Há rogueru avei umi mba'e ojokova há omokangyseva umi teko marangatu anive haguã ojehu ko'ãva mba'e ñande apytepe. Umi ambuekuera arandu rupi ikatu okañy ore arandu, umiva niko ñambue Guarani kuera mba'egui, avei omosarambi arandu ambue há há'ekuera omopeteise, omokañyse Guarani kuera mba'e, oipotante jaipyhy há'ekuera imba'eva hendiekuera. Rohai avei kuatione, mba'eichaitapa pe jeroky ojehu, oguereko hi'ara ojehu haguã há pe arandu há'ehaicha voi ojehu haguã pe añeteteve rupive, ohechauka haguã imba'eteéte há mba'eichaitapa ojehu há ojejapo. Há ipahape roñe'e michimi rohechause pe tenondevo ikatutapa jajohu tape nãmoñepyru jey há ñamokyre'y jey, nãha'ã jey avei umi arandu tekoha Pirajú pe.

Abstract, Palavras chaves: Guarani Reko Marangatu Pirajuy guavape, Jeroky, mboraei, oporaei Ka'aguyva, oñemboavuva, Ojerokyva ka'aguyva, oporohechava, ñemongarai há ñemobarete jey nãnde reko rehegua.

RESUMO

Nesse trabalho, descrevo os elementos mais importante na cosmologia dos Guarani. Trabalho sobre a sua religião Guarani e abordo sobre os seus principais elementos que a compõem. Relato sobre a reza, o canto, a dança, os benzimentos e sobre o batismo tradicional Guarani, tratando sobre a sua importância e sobre os impactos sofridos ao longo da história pela colonização. Meu foco está na Reserva de Pirajuí. Utilizando as falas das pessoas dessa reserva, coletadas ao longo da investigação, aponto para a possibilidade de revitalizar e valorizar tais práticas, começando pelo registro no papel, 'kuatia', para que, futuramente, os dados coletados sejam utilizados pelas escolas e pelos estudantes. Mas, o nosso foco é demonstrar a sua essência e a importância que essa religião possui para os próprios Guarani, apesar do contato com os colonizadores e, hoje em dia, com a intensa entrada dos modos de vida dos brancos na aldeia. Ao final, acenamos para a possibilidade de se achar uma maneira para o seu fortalecimento, envolvendo a comunidade escolar da comunidade da Pirajuí, com o apoio dos (as) rezadores (as).

Abstract, Palavras chaves: religião Guarani, Reserva Pirajuí, revitalização do modo de ser e da Cosmologia Guarani.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - BREVE HISTÓRIA DA RESERVA PIRAJUÍ	22
CAPÍTULO II - A COLONIZAÇÃO DO SER GUARANI	32
A colonialidade e o modo de ser Guarani na Pirajuí	38
CAPÍTULO III - A REZA, O CANTO-DANÇA E O BATISMO	44
Importância da reza, da dança e do canto para os Guarani da Pirajuí	56
Como ocorrem os rituais dos Guarani?	60
CAPÍTULO IV - A RELIGIÃO E O ENSINO TRADICIONAL NO CONTEXTO ATUAL DA PIRAJUÍ	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS ORAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

INTRODUÇÃO

Primeiro quero apresentar a minha trajetória de vida acadêmica. Falando um pouco da minha biografia, início expondo sobre a minha trajetória pessoal e sobre o projeto que venho realizando no decorrer do curso do Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados.

Me chamo Geoni Morales, a minha etnia é indígena Guarani Nãndeva, historicamente proveniente da linhagem dos Tupi-Guarani. Sou nascido na Reserva de Pirajuí, Município de Paranhos, Estado de Mato Grosso do Sul. Sou da família Morales, considerada uma família ao mesmo tempo extensa e numerosa na Reserva. Os Morales atualmente cresceram em número expressivo na Pirajuí, mas eles, na sua maioria, não são moradores natos do lugar. Essa família veio de outras localidades.

Um dos elementos que configura uma família extensa é o seguimento a um rezador, o qual é o líder espiritual de uma linhagem (BRAND, 1993). A família Morales, segundo Maximino Morales, vivia toda em um único território, mesmo dentro da reserva. E eles tinham, desde sempre, um rezador. A família era guiada através das suas palavras, das preces, dos sonhos, dentre outras funções que competem aos rezadores, e ele era considerado como o cuidador da parentela, tanto física quanto espiritualmente, e isso ocorreu até recentemente, até meados do ano 2000. Ele foi o último rezador da família e fazia as suas rezas e seus benzimentos constantemente.

Uma das características da família extensa é, de fato, compartilhar o mesmo território dentro do tekoha, com seus membros identificando-se entre si, como família ou grupo, e com seus líderes (ALENCAR, AVELLAR E ALMEIDA, 2021). Existe, portanto, uma relação entre o ‘sobrenome’ e o território, dentro do qual o grupo compartilha tudo o que produz, inclusive traços culturais próprios (LIMA, 2016).

É comum, nas famílias extensas, que exista o costume de permitir a presença de pessoas de fora do grupo familiar, como membros de outras famílias, somente em momentos especiais ou que tenham um vínculo recíproco ou estejam na condição matrimonial. Se assim não for, a família não permite a presença de outras pessoas no seu interior, as quais são consideradas estranhas no meio dela e, por isso, sempre há desconfiança com relação a elas. Na reserva, na maioria das famílias extensas essa é ainda uma característica bastante forte.

Outra característica da família extensa é a existência da liderança – o ‘cabeça’ da parentela, o ‘principal’ –, que é assumida por um homem, o avô. Em torno da casa dele ficam as casas dos netos, dos filhos e de todos os outros que compõem essa família. Apesar de a família se organizar a partir de um homem, isso não quer dizer que as mulheres não sejam ouvidas. Entre os Morales, os maiores cuidam dos irmãos menores, e é a voz da mulher que determina o que deve ser feito. Depois de uma certa idade, é o momento de as crianças ajudarem os pais na roça, nas caçadas e no provimento de alimentos para sustentar a família.

Retornando à formação da Reserva da Pirajuí, ela foi criada em 1928 pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio)¹, mas as pessoas que nela foram agregadas provinham dos territórios tradicionais localizados na sua redondeza. Essa informação ainda requer maiores aprofundamentos, pois, segundo os meus interlocutores, suas terras tradicionais estavam localizadas na região do Ypo’i, Barro Preto e Triunfo, localizadas na fronteira do Brasil com o Paraguai e é dessas localidades que eles se deslocaram para a Reserva. Segundo os fatos narrados pelos meus interlocutores, muitos grupos de famílias foram expulsos de suas terras tradicionais naquela região, com a finalidade de abrir espaços para a colonização. A promessa que recebiam era que, em aceitando morar na Reserva Pirajuí, melhorariam de vida. Com isso o SPI atraía os indígenas para as reservas e o governo

¹ O SPI (SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS INDIOS) possuía, quando foi criado pelo governo federal em 20 de junho de 1910, através do decreto de nº 8072, possuía em nome ainda a expressão “e localização de trabalhadores nacionais” (SPILTAN). Depois, ficou apenas SPI. O órgão governamental foi criado com o intuito de pacificação e proteção dos grupos indígenas, bem como para estabelecimento de núcleos de colonização com base na mão de obra sertaneja. Ele foi extinto no ano 1967, ou seja, foi trocado pela FUNAI. Mas, o principal objetivo desse órgão era de integrar os indígenas à sociedade nacional, pois se pensava que os indígenas eram sujeitos transitórios (AYLA MARTINS, 2012). A motivação para a criação do SPI tem a ver com a matança em massa das populações indígenas que aconteciam naquele período. Seu principal expoente, que intermediava a relação do órgão com as frentes de colonização, foi o Marechal Candido Rondon (CUNHA, 1992).

brasileiro cedia o espaço indígena para terceiros, principalmente para os produtores rurais:

primeiro a nossa família, vieram averiguar, se é verdade ou não, o que nós apregoamos. Ficamos alguns meses e quando regressamos lá, aquela área já estavam todos cercados e em alguns locais já encheram de gado. E assim, tínhamos que desocupar aquela área. Porém, algumas famílias continuam lá, mas trabalham para o novo dono, fazendo cerca, derrubando mato em troca de alimentos e fazendo outros tipos de tarefas braçais. (MORALES, entrevista concedido ao autor, 2023)

De fato, muitas das Terras Tradicionais foram usurpadas com violência ou os agentes do estado brasileiro fizeram os indígenas acreditar que na reserva eles teriam melhor assistência. Foi com essa promessa que a família do meu pai veio morar na Reserva Pirajuí, em meados de 1950. Já a família da minha mãe era moradora no Paraguai, local onde viveu uma história bastante triste. Ela conta que perdeu os pais quando tinha 8 anos de idade e, naquela época, as coisas eram mais difíceis do que atualmente, principalmente para os indígenas. Até a acessibilidade aos serviços estatais era muito difícil no país vizinho:

eu perdi os meus pais quando tinha 8 anos. Tínhamos um vizinho que não gostava dos meus pais porque o meu pai era um homem muito rude. Assim, eles se inimizaram com essa família e acabaram envenenando os meus pais e como a gente morava em um local de difícil acesso, levou um tempo para os outros vizinhos saberem que o meu pai tinha falecido, porque ele que faleceu primeiro, dentro de 3 dias. Já a minha mãe conseguiu ter um atendimento médico, mesmo assim ela acabou falecendo também...depois disso, eu vim morar no Ypohú cidade do Paraguai, já na fronteira com o Brasil, com o município de Paranhos, posteriormente vindo em Pirajuí morar com o meu futuro cunhado, que me adotaram como filha. (MILTON, entrevista concedida para o autor, 2023).

E assim, quando tinha 12 anos, ela veio morar na Pirajuí, lugar onde conheceu o meu pai. Eles casaram e tiveram 7 filhos no total, sendo eu o terceiro filho.

Eu sou o único filho que prestou faculdade e, por isso, cheguei ao mestrado no PPGET, na UFGD.

Com relação a minha trajetória de estudante e pesquisador e sobre a vida profissional, tenho de dizer que iniciei meus estudos na escola da Missão alemã que fica localizada perto da Reserva Pirajuí. Naquela escola, quem organizava as aulas era a professora Ursula Bender. Lá comecei estudando quando tinha 5 anos de idade e, durante 3 anos, estudei e aprendi na minha própria língua materna, o Guarani, sendo nela alfabetizado. Somente após isso é que ingressei na 1ª série, quando o ensino era bilíngue,

ministrado tanto em Guarani quanto em português. Estudei na Missão até a 4ª série. Depois disso, concluí o ensino fundamental e médio nas escolas urbanas de Paranhos, pois ainda não existia escola para as séries finais na aldeia. Por isso, terminei com muita dificuldade esses ciclos de estudo, pois éramos provenientes de uma família muito humilde e com poucas condições materiais.

Terminei o meu ensino médio no ano de 2011 e, por sorte, fiz uma seletiva para agente indígena de saúde e consegui ser nela aprovado. Como Agente Indígena de Saúde, tive uma experiência muito boa, trabalhando com os meus patrícios, mas, por outro lado, tive contato também com a complexidade do atendimento aos indígenas no campo da saúde. Na verdade, me deparei com famílias que possuem a sua forma peculiar de viver a vida, mas o sistema público de saúde vem impondo para elas algo novo, ou seja, muitos dos requisitos da saúde são tidos como algo novo para os Guarani e isso se choca muitas vezes com suas práticas ancestrais de cuidado da vida.

Trabalhei durante 10 anos no atendimento à saúde e, em 2022, fui convocado pela escola Santiago Benites, da rede estadual, para trabalhar como professor na extensão da escola da cidade que existe na reserva de Pirajuí, lecionando na área de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio. No ano seguinte, em 2023, passei a trabalhar na Escola Municipal Indígena Adriano Pires, lecionando na área de Geografia, no ensino fundamental.

Voltando no tempo um pouco atrás, quando estava trabalhando como Agente de Saúde, busquei entrar em uma faculdade. No início prestei vestibular na instituição UNIGRAN, tentando fazer o curso de administração. Passei, mas logo em seguida tranquei a matrícula, pois percebi que aquela área que havia escolhido pouco me dizia. Após isso, busquei ingressar no Teko Arandu, prestando vestibular no ano de 2013, porém não consegui ser aprovado. Em 2015 voltei a fazer o vestibular, mas dessa vez me preparando melhor, e consegui ingressar na Faculdade Intercultural Indígena. Consegui ser aprovado na segunda tentativa e tive experiências relevantíssimas no seio da FAIND. Muitos foram os aprendizados e me formei no ano de 2021. Atrasei a formatura por causa da pandemia de coronavírus, mas coleei grau na área de Ciências Humanas. O tema da minha monografia de final de curso já era sobre a questão da religião tradicional, pois esse assunto vem me acompanhando desde que ingressei na escola. No mesmo ano busquei ingressar no mestrado pela mesma instituição e mais uma vez obtive sucesso. Busco, assim, dar continuidade à minha indagação no sentido de valorizar a nossa religião

tradicional e o nosso modo de ser Guarani, ou seja, mantenho a pesquisa de uma vida toda, mesmo sabendo que é difícil responder a todas as indagações com relação ao tema. Mas ao mesmo tempo, busco despertar as inquietações com relação a esse tema nos próprios acadêmicos Guarani para que realizem também mais investigações sobre o nosso *jeroky* (canto-dança) e sobre a sua importância para os próprios Guarani, visto que, na atualidade, cresceu a procura por esses assuntos porque há questões espirituais no mundo que somente a nossa cosmologia pode resolver.

Nesse trabalho, o meu principal foco de análise recairá sobre **o jeroky dos Guarani Nãdeva da Pirajuí e sobre os impactos da colonialidade do nosso teko sobre ele, causando o enfraquecimento de sua prática e o encobrimento da sua essência pouco a pouco**. Importante evidenciar que tomamos o *Jeroky* como a base do que, na língua portuguesa, pode ser chamado de religião tradicional dos Guarani Nãdeva. Para chegar a isso, realizei conversas com os mais velhos da própria reserva e analisei as suas narrativas. É importante salientar aqui que as indagações direcionadas aos meus interlocutores ocorreram de livre e espontânea, os quais se manifestaram também de livre vontade.

Nossos diálogos aconteceram, na sua maioria, nas casas deles, pois era necessário levar em consideração a vontade desses anciãos que se comprometeram em dar as entrevistas no lugar onde se sentiam melhor, ou seja, nas suas casas. O horário das conversas não importava tanto para eles, mas o local sim.

Um dos anciãos com os quais dialoguei foi com o meu tio Avelhano Medina, senhor de 91 anos. Conversei com ele na sua residência, que fica ao lado da casa da sua filha, a dona Cerça Medina, a qual já está com 59 anos. Eles são da linhagem de um rezador antigo. O pai do próprio Avelhano seguia os passos do pai dele, pessoa que defendia muito o nosso modo de viver e a nossa religião tradicional.

O seu Avelhano estava lutando para recuperar o seu Tekoha tradicional chamado de Triunfo e que fica na região do Ypo'i, mas faleceu antes de ter recuperado a sua terra.

Simultaneamente às conversas com o seu Avelhano, dialogamos também Cerça acerca dos conhecimentos que ela tem sobre a religião dos Guarani. Ela, enquanto filha de Avelhano, era a segunda voz no canto, e sempre acompanhava o seu pai em sua luta pela recuperação do Triunfo. Cerça, mesmos não executando mais a sua incumbência de rezadora, guarda fortemente na memória as práticas que desenvolvia junto de seu pai. Ela

hoje somente exerce a função de ajudar as crianças com coalho virado (uma doença que acomete os Guarani), sendo muito respeitada como benzedeira.

Outra interlocutora com a qual dialogamos foi a dona Felicitá Vera, uma senhora de 96 anos de idade. Ela é ex-esposa de um rezador e demonstra ter bastante conhecimento sobre a religião dos Guarani. Com ela mantivemos todas as conversas na sua casa, pois não conseguia mais andar pelo fato de ter problemas nas costas e por causa da idade. Ela também era a segunda voz que acompanhava o marido quando ainda executava as suas rezas e seu canto. Ela também fazia benzimentos junto com o marido.

Outra anciã que nos auxiliou bastante na investigação é a dona Olimpia Romero, uma senhora de 93 anos que se considera 'ex-rezadora' se considera assim, porque ela explicitou que quando é assim ela se afasta da sua incumbência e receia de se expor e ser castigada pela transcendência, pois segundo ela, quando é assim ela passa ser uma mera pessoa imitador somente ou seja, rezadora falsa, pois se converteu por um bom período aos ministérios cristãos. Após de um tempo, entretanto, ela abandonou o cristianismo pois, segundo ela, a religião alheia não lhe passava firmeza nas suas crenças igual a quando ainda era rezadora. Mas ela fala que ainda ouve os cantos tradicionais, seja através de seus ouvidos ou em sonho. Ouvir o canto através de sonhos é um aspecto corriqueiro para os rezadores Guarani, pois é através dele que tais cantos lhes são repassados pela divindade. Mas ela se colocou à disposição para comentar e narrar como é a vida religiosa tradicional que ela manteve quando ainda era rezadora.

Outra interlocutora dessa pesquisa foi a dona Luciana Oliveira, senhora de 83 anos, avó da minha mulher, mãe de sua mãe, que narrou alguns aspectos sobre o batismo dos Guarani que ela presenciou e vivenciou quando era mais nova, quando morava no Tekoha tradicional. Naquele momento, ela acompanhava os pais nos rituais tradicionais, como o batismo das crianças e o batismo do milho.

Já com o professor Otoniel, conversamos bastante na escola onde nós dois trabalhávamos sobre a religião dos Guarani. Nessas conversas, ele compartilhou comigo o que ele andou observando no decorrer do período que reside aqui na Pirajuí. Ele também me falou que já conviveu e já participou de vários rituais de diferentes etnias indígenas e que sempre percebeu aspectos peculiares em cada uma delas.

Por fim, conversamos bastante como o meu pai Maximino Morales, pessoa que conviveu com dois rezadores que eram da minha família e que participou de vários rituais

relativos aos conhecimentos tradicionais, tanto aqui na reserva como também nas regiões adjacente a ela. Ele conviveu bastante com os rezadores da família, ouvindo e aprendendo como se há de viver na religião dos Guarani e se manter firme aqui na Terra. Segundo ele, é necessário que perpassemos pelos rituais para que possamos seguir em frente a nossa vida da melhor maneira.

As perguntas-problema que direcionei aos nossos interlocutores foram no sentido do que eles têm a dizer sobre a reza Guarani; qual a sua importância para os próprios Guarani; o que eles sabem sobre o *jeroky*, sobre o *mitã karai* e sobre o *jehecha* (benzimentos) na atualidade. Estive atento ao fato de que muitos anos se passaram desde a chegada dos colonizadores ao nosso território e, durante esse tempo, os Guarani enfrentaram vários embates no campo da religião, tendo sido marcados por eles. Por outro lado, estive também atento para o fato de que o manuseio dos conhecimentos tradicionais somente é possível por aqueles que são neles iniciados, que realizam sua ação por meio do “*ojeroky ka’aguyva*”².

Os questionamentos que fiz aos mais velhos são necessários, pois, desde o período colonial, os indígenas passaram por vários projetos aculturativos, pensados para que deixassem a sua cultura. Mesmo que isso seja difícil, minha intenção é levantar junto aos nossos interlocutores e pessoas que ainda mantêm esses conhecimentos ativos dentro da sua família, a possibilidade de sabermos se esses rituais são ainda importantes dentro de um *tekoha*, se ainda seria possível a sua realização nas reservas ou nas retomadas para que os indivíduos pudessem viver na reciprocidade, mantendo a paz interna e um vínculo intenso com a transcendência. De outra sorte, com relação ao *jeroky*, caso ele fosse retomado e realizado de uma hora para outra, tratamos com os interlocutores se a essência de alguns anos atrás seria mantida. E mais: essa essência ainda está viva na sua totalidade ou não?

Nesse texto, considero importante dizer que, desde séculos atrás, o cristianismo é bastante forte dentro da colonização e, de um jeito ou de outro, isso atingiu fortemente os Guarani. Por isso, penso, enquanto hipótese de trabalho, que a essência da reza, do batismo e dos benzimentos possam ter sido impactados de alguma forma por esses processos históricos. Por outro lado, pelo fato de a escolha do rezador dos Guarani não

² OJEROKY KA’AGUYVA, para os Guarani são os rezadores e rezadoras que todas as famílias extensas possuem, que os guiam tanto fisicamente e espiritualmente.

ocorrer de maneira humana ou com a simples passagem das práticas de uma pessoa para outra, e sim pela própria transcendência, acredito que a espiritualidade tradicional ainda poderia ser cultivada na sua totalidade, da forma como a própria transcendência ordenasse. E a mesma análise vale para a sua forma de realização e para a execução desses rituais. De resto, espero analisar o poder espiritual que a reza, o batismo e os benzimentos têm no cotidiano da Reserva, fazendo a devida diferenciação entre esses três elementos, pelo fato de que são coisas distintas.

Lugar central na nossa indagação, não poderia deixar de aprofundar a análise acerca da colonização que afetou esses conhecimentos desde a sua implantação nas Américas. Por isso, parto das reduções jesuíticas, pois foi nesses espaços que os religiosos buscavam com rigor aculturar os indígenas a partir do século XVI. Os Jesuítas faziam de tudo para tornar os indígenas seres civilizados segundo o modelo europeu e assim suprimir os seus saberes, os seus conhecimentos e os seus modos de ser em nome de outros conhecimentos, não se importando em respeitá-los como povos diferentes, com sua própria cultura e com suas peculiaridades religiosas. Pode ser que, no momento que esses indígenas optaram em passar pela redução, tenham perdido a essência do Jeroky, ou ele pode ter sido olvidado por um bom tempo ou permanecido no interior do mundo doméstico e sobrevivido a este e a outros ataques desde aquele momento até o presente e conservar-se ainda intacto.

Com certeza que não quero ficar apenas nos impactos do colonialismo e da colonialidade que teriam levado ao enfraquecimento da prática do Jeroky na Pirajuí. O que pretendo é buscar alguns caminhos para a sua revitalização, visto que a procura desses conhecimentos, hoje em dia, se intensifica expressivamente na própria Pirajuí, através da procura dos rezadores e da procura pelo próprio conhecimento tradicional que é patrocinada pela escola e por outros agentes indígenas comprometidos com políticas inclusivas e menos integracionistas.

Não se pode negar, entretanto, que a desconfiança criada pelas instituições contra os mestres e conhecimentos tradicionais faça com que os Guarani demonstrem preconceito contra os rezadores locais e, por isso, muitos moradores se desloquem para o Paraguai à procura dos rezadores. Eles próprios não confiam mais nos rezadores locais. Concomitante a isso, é de admirar que, na Pirajuí, no contexto atual, a reza tenha voltado a ocorrer, mesmo que de forma acanhada, mas está retornando, mediada pelo seu Eduardo Santos, na casa de reza que ele e a família construíram com o apoio da escola e das

lideranças. Para muitas pessoas é como se estivéssemos num momento em que se desperta novamente o interesse das pessoas para a tradição guarani, um momento no qual o que estava adormecido voltasse à vida. Para muitos, há a evidente percepção de que o nosso jeroky ainda está vivo e não está muito longe de nós, pois está nos próprios Guarani, nas suas memórias. Como muitos dos meus interlocutores me narraram, a reza está sobre nós, só basta querermos utilizá-la novamente hoje em dia, pois ela é muito necessária para a nossa sobrevivência.

Minhas análises indicam que as igrejas (hoje as neopentecostais) são os principais fatores que estão levando ao enfraquecimento das práticas ancestrais, pois descredibilizam a nossa reza. Como os jovens Guarani são curiosos e sempre estão na ativa de querer tentar algo novo, eles são atraídos facilmente para as igrejas e, assim, através deles, o preconceito contra o próprio modo de ser vem se propagando e retroalimentando. Saliento também que, por vezes, a própria reserva é um empecilho nessa questão, um obstáculo para a vivência da tradição, porque ela não é um tekoha tradicional. Muitas vezes é a própria reserva que precisa passar por um longo processo de amenização que na linguagem indígena chamamos de “³OMBOPIRO’Y”, porque, historicamente, os Guarani mantêm um forte vínculo com o tekoha para assim realizar os seus rituais com maior tranquilidade, mas isso torna-se difícil no contexto das reservas. Todos esses assuntos serão mais bem desenvolvidos ao longo da dissertação.

Com relação ao meu trabalho de pesquisador, utilizo uma metodologia que mais se aproxima dos passos seguidos pela antropologia, principalmente pelo método etnográfico: ouvir, observar e escrever com a finalidade de aumentar a eficácia analítica do trabalho (PACHECO DE OLIVEIRA, 1996).

Como sou muito curioso, fiz muitas perguntas orais aos interlocutores e escrevi bastante sobre isso. Por residir na Reserva, lócus da investigação, passei diariamente trocando ideias com eles. Desde o primeiro momento já obtive sua autorização para realizar as entrevistas. Todos eles e elas aceitaram em relatar o que guardam de conhecimentos e de experiências que viveram quando ainda era constante a realização dos rituais. Conversando bastante com os moradores de idade mais avançada da Pirajuí,

³ OMBOPRO’Y- Em português se traduz como amenizar. Termo utilizado por exemplo correlação a situação mórbido, de tornar mais leve tanto espiritualmente como fisicamente. E em termo indígenas constantemente significa acabar de vez uma situação dependendo do que ela seja, seja ela doença ou outra coisa espiritual que são constantemente do mundo dos Guarani.

fui anotando as informações que me passaram, cruzando-as com as noções que possuo sobre os processos dos rituais dos Guarani, porque tive o privilégio de participar de alguns deles quando era criança. Mesmo crescendo na Igreja, tive oportunidade de participar de alguns jeroky na própria Pirajuí, pratiquei um pouco o sambo e outros rituais.

Não é demais afirmar que percebi também que a reza dos Guarani tem características peculiares se comparada à reza de outras etnias, como a Kaiowá. Percebi que nossos rezadores exigem sempre fazer o ritual dentro da casa de reza e na frente do santuário, assunto que vou detalhar melhor nos capítulos mais à frente. O que posso adiantar é que todos esses aspectos me levam diretamente aos debates acerca da religião.

A religião de um certo modo é o vínculo dos humanos com a transcendência. A palavra pode significar religar, reler e cultuar, ou seja, ela é um sistema que engloba crenças, práticas, valores e organizações. Assim, é possível de dizer que em todas as culturas está presente a ligação da humanidade com a divindade, com seres superiores que estão em outra dimensão (COUTINHO, 2012). Num sentido convencional, a religião surgiu para que a humanidade respondesse às perguntas sobre questões existenciais, como: de onde nós viemos? E para onde nós vamos depois da morte? Será que Deus ou deuses existem? São tipos de perguntas que a religião tende a responder. Mas, a religião precisa ter as suas características que a tornam como tal, como por exemplo, possuir os seus rituais, os seus ritos e os seus padrões e, acima de tudo, a sua crença por um ser supostamente onipotente, que as suas forças estariam acima dos humanos que poderiam recorrer a ele como se fosse a última instância.

A religião possui ritos, que são uma herança dos hábitos de uma determinada cultura. Ela precisa ser seguida e reproduzida pelos seus grupos que a veneram como forma especial de vivência. Nesse aspecto, os ritos e os rituais possuem um papel central. O ritual pode transparecer através de gestos, palavras, procedimentos imbuídos de símbolos que configuram os seus ritos, portanto, os ritos são suas estruturas de funcionamento e os rituais as suas formas peculiares de acontecimentos (COUTINHO, 2012).

Há um consenso entre estudiosos de que não existe uma sociedade, uma tribo, uma etnia que não tenha sua religião. A religião é um elemento que veio acompanhando a humanidade desde a sua existência, mas em muitos casos, a religião não acompanha o desenvolvimento material das populações, parecendo não evoluir na mesma velocidade

que as conquistas materiais ou tecnológicas. Apesar disso, precisamos entender que cada religião tem a sua forma peculiar de desenvolvimento e que isso distingue uma da outra e que muitos dos intelectuais pretendem considerar as religiões dentro do seu desenvolvimento histórico-cultural próprio, ou seja, não se pode pretender misturar e nem fazer comparações entre as religiões (GAARD, HELLERN E NOTAKER, 2000). Mas, em síntese, a religião é o vínculo da humanidade com a transcendência, a qual, através de formas peculiares, responde às necessidades histórico-culturais específicas dos grupos humanos.

E, para os Guarani, a religião está vinculada a sua reza, ou seja, através da reza eles mantêm o contato com a transcendência para assim manter a sua proteção na terra, tanto física quanto espiritualmente. E isso se resume no sentido do “ñande reko”, nosso modo de ser, nosso sistema que é composto de uma série de processos que se vinculam entre si e não somente através da reza para o além (SCHADEN, 1982). Para ROMERO, se os Guarani viverem de acordo com o nosso modo de ser, o paraíso ao qual o deus Guarani ascendeu será também o lugar para onde eles irão após a morte:

Nós Guarani, quando passamos pelo todos os processos que o nosso modo de ser assim desejar, alcançaríamos o lugar onde o nosso Tupã vive, como tranquilidade sem obstáculos algumas, que é o lugar sagrado onde não há mais sofrimentos, na qual sempre se fala de que é um lugar de descanso para a eternidade (ROMERO, entrevista concedida ao autor, 2023)

Os Guarani utilizam bastante o termo descansar quando perdem os seus entes queridos. A palavra que é utilizada na língua Guarani “⁴opytu’u ou otongeama” quer dizer exatamente isso, que a pessoa já se livrou dos propósitos que foram assentados no indivíduo Guarani quando nasceu e quando passou pelo processo do batismo. Na verdade, quando os Guarani vêm para a Terra tem de cumprir esses propósitos da vida, porque eles vêm com a incumbência de cuidar da Terra e do que estiver nela. Por outro lado, é nítido o que eles vão enfrentar como tarefa na Terra. Assim que os objetivos propostos pela transcendência são passados através dos rituais devidos, os indivíduos Guarani vão descansar da Terra e vão para onde o Tupã Guarani se assenta. Disso resulta uma cosmologia, uma filosofia e uma teologia bastante ricas que em nada são inferiores aos

⁴ Essa expressão é constantemente utilizado pelo Guarani, correlação aos seus entes que morrem, para expressar que os que falecem já partem para o outro mundo que seria melhor do que da Terra, onde não existe mais nenhum sofrimento nem outros tipos de aflição. Seria o lugar de descanso das almas.

modelos de outros povos. Há, então, sem sombra de dúvidas, uma Religião (com letra maiúscula) Guarani!

Para dar conta desses assuntos, dividi a dissertação em quatro capítulos. No primeiro capítulo, detalho sobre a história da criação da Reserva da Pirajuí. Dou nele destaque à ação do SPI, mas sem esquecer de detalhar a configuração dos territórios tradicionais. Trago também o mapa Guarani Retã para mostrar o Guarani que compõe o ⁵Tekoha Guassú. Ao mesmo tempo esmiuço um pouco sobre os modos de ser dos Guarani e trago alguns dados sobre a constituição social da Reserva. Falo também a respeito das idas e vindas das famílias para a Reserva.

No segundo capítulo, abordo acerca dos processos de colonização do ser Guarani, pois acredito que o primeiro processo de conquista tenha sido direcionado ao ser dos Guarani, visando adequá-lo aos padrões civilizacionais cristãos. E, na sequência, analiso os mecanismos que os jesuítas utilizaram na redução para que os indígenas paulatinamente deixassem a sua cultura e o seu modo de ser. Ao mesmo tempo falo da cristianização e da civilização que são a principal preocupação dos Jesuítas entre os séculos século XVII e XVIII, e destaco a possível perda da essência dos rituais como a reza, o batismo e os benzimentos pelo fato de eles estarem submetidos aos religiosos. Aponto também para as consequências da colonização que se perpetuam até os dias de hoje, porém em forma de colonialidade. Para isso, trabalho esse conceito para avaliar a colonialidade da religião e do modo de ser dos Guarani atuais que vivem nas reservas e retomadas.

Já, no capítulo III, abordo sobre os principais elementos que existem no jeroky dos Guarani, analisando a sua importância para os mesmos e as diferenças que existem entre os diversos cantos-dança Guarani. Dou destaque, também, para o debate sobre a reza, que só pode ocorrer em certos momentos, e sobre os benzimentos, que podem ser realizados em qualquer parte e momento. Descrevo também nesse capítulo sobre as reverências que os Guarani têm tanto pela reza quanto pelo local que chamam de tataindy'y, um local considerado ainda mais sagrado do que a própria casa de reza. No mesmo capítulo discuto sobre o batismo de crianças, sobre sua importância, finalidade e

⁵ Tekoha Guassú e a expressão-grande território- que os indígenas utilizam para se referir dos lugares que eles realizavam o seu caminhar e que são espaços que tem um vínculo fortes devidos dos locais que pertenciam aos seus antepassados e que eles conhecem o território como se fosse a palma da sua mão.

precauções para que seja realizado. Desemboco no debate sobre os “ÑE’E, AYVU, MAINÓ e GUYRA”, que em português é entendido como alma. Por fim, analiso o papel dos rezadores nesses processos todos e sobre as perspectivas de tratamento deles na Reserva Pirajuí.

No capítulo IV, analiso a percepção dos interlocutores sobre os impactos que vêm acontecendo na reserva de Pirajuí pela falta constante dos rituais Guarani. Através do estudo acerca das plantações tradicionais, analiso a forma como o pensamento capitalista está adentrando consideravelmente na Pirajuí e como isso tem afetado a economia de reciprocidade. Por fim, trago um pouco dos impactos mais evidentes na reserva de Pirajuí pela falta de reza, do jeroky e até mesmo pela falta de rezadores.

E, por último, aponto os resultados alcançados através desse trabalho, mostrando caminhos que podem ser tomados para que a revitalização e a valorização da religião tradicional ocorram, pois percebo a importância que os trabalhos de pesquisa possuem na abertura de brechas para a propagação desses conhecimentos no meio dos jovens. O intuito final é demonstrar que a Religião Guarani possui o mesmo status que as demais religiões, não precisando submeter-se a elas ou considerar-se inferior.

⁶ São as expressões que os Guarani utilizam para se referir das almas que os indivíduos indígenas portam consigo, quando concebem e após os seus nascimentos para se tornar parte da sociedade Guarani.

CAPÍTULO I - BREVE HISTÓRIA DA RESERVA PIRAJUÍ

A Pirajuí, como já mencionado, é uma reserva indígena criada pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio), em 1928. A identificação como reserva, por si só, já levanta vários questionamentos no meio dos próprios Guarani. Reserva é um conceito considerado por muitos como pejorativo, pois pode indicar uma concepção de lugar que se ‘reservou’ para os ‘reservados’ não serem extintos. Por isso, é preciso entender e compreender esse termo e, para isso, busco algumas elucidações com relação aos termos correlatos como terra indígena, áreas indígenas e aldeias para assim compreender da melhor forma possível o conceito.

O termo terra indígena é um conceito jurídico amparado pelo Estado Brasileiro. No campo jurídico, o termo está ligado à questão dos territórios ou dos direitos territoriais indígenas que, ao longo da história, vem sendo debatido pelo Estado Brasileiro por meio de vários dispositivos legais. Hoje, esse direito está mais bem definido por meio da Constituição Federal de 1988, nos artigos 231 e 232.

O debate acerca dos territórios indígenas já aparece em cartas constitucionais anteriores, elaboradas desde a Independência do Brasil, como nas constituições de 1934, 1937, 1946, 1967 e na de 1969. Entretanto, os direitos territoriais indígenas são anteriores a essas constituições e à própria colonização. No Brasil Colônia, esse direito foi reconhecido somente no século XVII, por meio do Alvará Régio de 1 de abril de 1680 pela Coroa Portuguesa (CAVALCANTE, 2016).

O que se sabe é que o direito indígena ao território vem sendo constantemente reformulado e é inegável que a fórmula mais bem posta é a que aparece na Constituição de 1988 que, apesar de não cumprida hoje em dia, é a que mais incomoda os produtores rurais. Ela trata das terras indígenas enquanto espaços tradicionalmente ocupados pelos povos indígenas.

Já o conceito de reserva indígena se refere ao sentido de se criar um espaço separado para os indígenas e de disponibilizar a sua terra tradicional para outros grupos humanos. Ou seja, o próprio Estado criou e demarcou alguns pedaços de terra para o usufruto dos indígenas, geralmente deslocando-os de seus espaços ancestrais. Excepcionalmente, a destinação dessas terras foi feita para grupos que não mais possuíam áreas. Na maioria dos casos, entretanto, representou o fim de um processo de ‘limpeza’ das áreas para serem destinadas, após ação de décadas ou séculos, a terceiros. Nem sempre as reservas respeitaram o espaço tradicional indígena.

Nos debates sobre as reservas indígenas, importante destacar a questão do controle ou do domínio que os povos indígenas têm sobre o território que ocupam. Na verdade, na terra indígena, nas reservas e nas aldeias os indígenas possuem somente o usufruto, e não a propriedade da terra, pois elas pertencem à União (CAVALCANTE, 2016). Isso restringe aos indígenas o controle e o domínio do seu território em vários sentidos, e o principal deles tem a ver com a gestão plena desses locais. Por outro lado, por serem terras da União, possibilitando somente o uso e o usufruto exclusivo pelos indígenas, importante destacar que essas terras são inalienáveis, ou seja, não podem ser repassadas a outrem. Penso que as reservas são a forma legal mais bem reconhecida das terras indígenas por terem sido demarcadas pelo aparato estatal, com destaque para a ação do SPI.

E, com relação ao conceito de aldeia, a maioria das terras indígenas se identificam usando esse termo. Porém, ele tem significado ‘pequeno vilarejo’, e o termo era utilizado com frequência antigamente na Europa. No entanto, aqui no Brasil, é constantemente utilizado para se referir aos locais onde têm mais concentração de indígenas, os quais estariam sob a organização de uma liderança. Nos dias de hoje, isso não é válido para a maioria dos indígenas.

O termo aldeia ingressou no universo indígena no passado, tanto que foi o estado que criou as aldeias, lideradas na sua maioria pelos religiosos, no intuito de civilização e cristianização dos indígenas e para o uso de sua mão de obra, principalmente para abrir terras para a colonização (CAVALCANTE, 2016).

O termo aldeia é utilizado inclusive dentro das terras indígenas e das reservas, no sentido de comunidades separadas e como forma de identificação de sub-regiões de um território maior que gozariam de algum nível de autonomia com relação ao todo. De

forma estendida, entretanto, há um sentido negativo que é usado frequentemente e que indica que lugar de índio é na aldeia e isso denota uma concepção de afastar os indígenas dos demais povos. Para Cavalcante, essas ideias de aldeia e de terra indígena não possuem a mesma denotação, não podendo ser tomadas como conceitos equivalentes, por comportarem vários assentamentos humanos possíveis ou diferentes tipos de núcleos sociopolíticos (CAVALCANTE, 2016).

A Pirajuí é uma reserva indígena de maioria Guarani. Ela foi terra doada pela União e foi formada por grupos que se deslocaram forçadamente dos seus Territórios tradicionais ou por outros motivos. Ou seja, tem grupos que sofreram o esparramo, mas, segundo os meus interlocutores, essas pessoas eram, na sua maioria, moradores das redondezas da própria Pirajuí. Isso é possível de se perceber nas famílias que atualmente vivem nela, principalmente nas suas narrativas e nas suas crônicas relativas à origem e trajetória de cada uma delas. E quando se questiona sobre as suas origens, na sua maioria, elas se autodeclararam como descendentes dos Guarani arcaicos e que alguns deles residiam próximo à reserva no passado, que viviam, nessa época, de pesca e de caça.

Os estudiosos afirmam que os Guarani descendem dos antigos Tupi e sua língua é derivada do mesmo tronco, o tupi-guarani, a qual teria se desenvolvido entre 2.500 anos atrás até a colonização. A maioria dos grupos de Guarani de hoje teriam vindo dessa linhagem. Boa parte do grupo dos Guarani atuais são provenientes, entretanto, da antiga área da colonização espanhola (CHAMORRO, 2007).

Os grupos Guarani sempre buscavam viver na beira das principais bacias hidrográficas, por exemplo das bacias dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai, dentre outros, para assim manter a sua sobrevivência a partir da pesca e da caça. Após enfrentar a colonização, eles sempre buscaram viver nesses locais de onde tiram a sua subsistência. Desde o período colonial, entretanto, esses povos buscam o seu refúgio perto dos afluentes de rios menores, como o Iguatemi, o Amambai e o Dourados. As reservas criadas pelo SPI ficam próximas desses rios.

O povo indígena Guarani é um povo sobre o qual se contam muitas histórias sobre a sua origem. O que se sabe é que sua presença nessa região é muito anterior à chegada dos europeus à América. De fato, quando voltamos ao período anterior à colonização, muitos dos historiadores especulam uma certa estimativa de anos com relação a isso, quando a América era povoada somente por uma quantidade indescritível

de povos indígenas. Uns defendem que eles eram provenientes da Ásia e que chegaram à América por meio do estreito de Bering, entre 12 e 14 mil atrás, assim povoando a América do Norte. Depois teriam se alastrado para a América Central e, por fim, teriam chegado na América do Sul.

Por serem povos com tradição oral, os indígenas não deixaram relatos escritos sobre sua trajetória histórica, e esses fatos só são acessados através do estudo de suas memórias e dos vestígios que abandonaram ou deixaram por onde passaram. Pelos achados arqueológicos é possível estimar a existência dos povos originários da América e até mesmo o seu contingente de população, mas sobre isso há um debate impreciso, pois uns alegam uma quantidade numérica na casa de milhões e outros na casa de milhares (ENAP, 2021).

Mas, o território brasileiro é cheio de evidências que comprovam a existência de indígenas no período anterior à colonização. Por exemplo, os Tupinambá estavam mais concentrados na região amazônica, no litoral nordestino, chegando até São Paulo, sendo grande a quantidade de vestígios diferentes encontrados pelos arqueólogos sobre eles, por exemplo, de utensílios cotidianos. Já os Tupi-Guarani eram mais encontrados nas bacias dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai e nas florestas subtropicais (ENAP, 2021). A partir dos vestígios é também possível identificar que os modos de vida desses povos eram distintos uns dos outros e que isso só foi modificado após a chegada dos europeus.

Os Guarani, como pertencem ao tronco Tupi-Guarani (CHAMORRO, 2007), desde o período colonial são encontrados também no litoral, mas, com o passar do tempo, após passarem por vários processos de desterritorialização causados pela busca da sua civilização e cristianização e pela fuga da escravidão, se embrenharam cada vez mais na direção leste. Desde sempre eles resistiram à colonização e não se pode dizer que aceitaram pacificamente o domínio dos colonizadores, pois constantemente lutaram por seu território (ENAP, 2021). Ademais, na época da escravidão, os Guarani fugiam facilmente pelas florestas porque conheciam os seus territórios. Eles conheciam muito bem e estavam extremamente bem adaptados ao seu “tekoha guassú”. Mesmo assim, foram alcançados em vários momentos e muitos de seus membros pereceram nas mãos de escravizadores.

Trazemos aqui um mapa sobre o grande território ocupado historicamente pelos Guarani para que possamos entender e compreender melhor os lugares que, desde o

período antigo, são denominados de “**tekoha guassú**”. Por ele é possível perceber que a noção de fronteira geográfica, entre os Guarani, é bastante fluida.

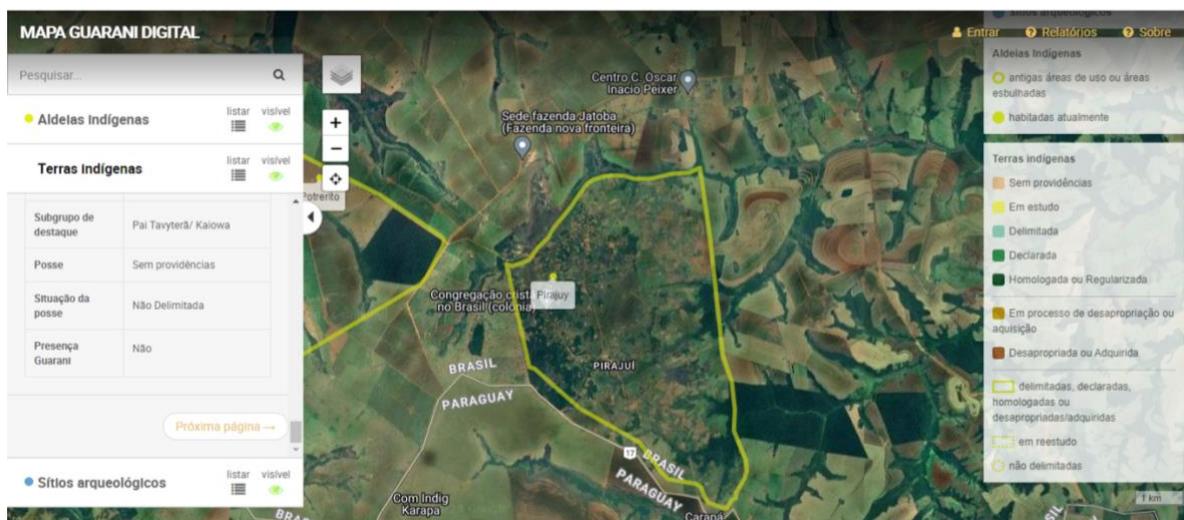
No mapa podemos ver que o território se sobrepõe aos limites de vários países, e nesse grande território havia mobilidade, pois os povos Guarani eram e são povos dinâmicos. Esse transitar, caminhar pelo território tradicional é chamado de “oguata”, porque nesse espaço eles se sentem em liberdade e cada indivíduo indígena tem um vínculo bastante forte com ele, principalmente porque é onde os seus antepassados moravam. Disso resulta que podemos dizer que o tekoha seria um espaço-movimento, pois sempre os Guarani acabam retornando para os lugares que são para si mais plenos de significado, que lhes marcam mais (LIMA, 2016).

Se existe um grande tekoha, é necessário dizer também que ele é formado por ‘tekoha’ no plural que são menores. É neles onde os Guarani executam os seus rituais, os seus jeroky e as suas festas tradicionais. Vamos demonstrar no mapa a seguir a vasta região onde os Guarani executam as suas mobilidades (LIMA, 2016).

No Tekoha Guassú, os elementos que o compõem estão inter-relacionados com o modo de viver dos Guarani: os rios, os animais, a própria floresta e os espíritos se inter-relacionam para que a vida se torne possível. O mapa conhecido como Guarani Retã, abaixo, pela sua extensão, permite que pensemos sobre a liberdade que os povos originários gozavam antes da colonização em transitar por seus territórios, de servir-se deles ao seu modo, já que sempre tiveram com eles um cuidado baseado no afeto pela natureza, inclusive aquela que ainda existe nas reservas, nas retomadas, nas terras indígenas. Mas, no sentido do “oguata” pleno, na perspectiva do ‘sem-fronteiras’, isso se torna cada vez mais difícil, pois a colonização restringiu essa prática, colocando os Guarani primeiro na redução e na aldeia e, atualmente, nas reservas. Apesar disso, o caminhar e o propósito de preservar a natureza e de manter os seus vínculos com a terra continuam vivos na memória dos Guarani atuais.

A seguir trazemos o mapa dos Guarani retã, para podermos entender a dimensão do Tekoha Guassú, que os Guarani possuíam antigamente, entretanto isso, nos dias de hoje, somente podemos entender e compreender através do mapa, mas que esses territórios ficaram no passado. E conseqüentemente, trazemos o mapa da Pirajuí que atualmente um espaço muito pequeno diante do Tekoha Guassú.

Figura 2: Mapa da Pirajuí



Fonte: <https://guarani.map.as/#!/villages/2847/?z=-23.945098631841987&y=-55.2997000534768>. Acesso no dia 23/01/2024

A Pirajuí foi uma das reservas criadas para receber os Guarani e os Kaiowá, no Mato Grosso do Sul, junto com as outras 7, em meados de 1928, pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), através do decreto nº 835. Ela foi demarcada pelo mesmo órgão governamental em 1930, com uma extensão de 2118 hectares. Abaixo, apresento fotos das estradas que ligam a reserva à cidade de Paranhos, sentido Pirajuí e Sete Quedas.



Fonte: acervo próprio. 27/01/2024. Estrada que liga o Município de Paranhos, Sete Quedas e a Pirajuí.



Fonte: acervo próprio. Estrada de Pirajuí. 27/01/2024.



Fonte: acervo próprio. No fundo a Reserva de Pirajuí, ainda com suas arvores no interior da Reserva. 27/01/2023.

No momento da criação da Reserva Pirajuí já havia indígenas morando nessa região e a maioria deles era da etnia Guarani (Ñandeva). O que se sabe é que, com a criação da reserva, alguns Kaiowá se dirigiram para a Pirajuí, mas esses grupos acabaram mudando para outras reservas, pois não conseguiram manter um bom relacionamento com os Guarani que foram, por vezes, seus inimigos históricos.

A designação do nome Pirajuí é devido à existência de dois rios que perpassam a reserva e nos quais havia peixinhos dourados que na língua Guarani são chamados de Pirajú, daí que o nome da reserva signifique “peixinho dourado do rio: pira (peixe); jú (dourado ou amarelo) e y (água).

A Pirajuí, atualmente, possui em torno de 2000 pessoas e, no máximo, 750 famílias cadastradas no sistema da Secretaria Especial da Saúde Indígena, SESAI, mas antes de 2004 contava com mais pessoas moradoras na reserva. Com o passar dos anos as famílias foram, entretanto, se espalhando. Alguns foram embora para os outros estados, como para o Paraná, e para outras aldeias contíguas. Outros partiram em busca de suas terras tradicionais como Ypo’i e Potrero.

De toda essa história resulta que muitos dos que compõem a Pirajuí, atualmente, não são moradores natos do Tekoha, como já havíamos mencionado acima. Ela é um espaço reservado e a maioria de seus moradores são o que sofreram expulsão ou o processo de desterritorialização dos seus espaços tradicionais e muitos, até hoje, buscam recuperá-los novamente. Tal é o caso, como dissemos acima, de uma parcela de pessoas que saiu da Pirajuí para outros tekoha, como Ypo’i e Potrero. O motivo disso é que muitas dessas pessoas não se sentiam completas enquanto não estivessem em suas terras tradicionais. A bem da verdade, a maioria dos Guarani ainda está em constante mobilização, mesmo que não volte aos tekoha tradicionais deles, mas na sua memória eles têm bem desenhados esses lugares e, se fossem questionados, seriam capazes de desenhá-los, pois lá estavam as casas deles, as suas roças e o principal, que é onde eles sepultaram os avós, os tios, ou seja, as coisas que os marcam profundamente estão lá nos territórios tradicionais. Tudo isso ainda é vivo no pensamento de muitos Guaranis.

E, no decorrer desse tempo, os Guarani precisaram resistir a todas as pressões por parte de muitas entidades que os atacam, por conta de suas diferenças, interna e externamente. Os motivos são de diversas ordens, mas podem estar ligados ao simples fato de pertencerem a um grupo de indígenas. Isso ficou muito patente nos últimos anos

com a ascensão do governo anti-indígenas de Bolsonaro, levando a muitos retrocessos, principalmente com relação aos direitos originários já consignados na Constituição Federal de 1988. Assim, não há como não pensar que o mesmo espírito de dominação que existia no passado continua muito vivo no presente e que todo esse processo de colonização atinge diretamente o modo de ser dos Guarani (NĀNDE REKO TEÉ) e a busca constante do bem viver.

A Pirajuí é um território reservado, como já citado acima. E, em muitos aspectos, a própria reserva é tomada como empecilho para os Guarani no sentido da realização plena do seu modo de ser tradicional. Como tal, ela não é um espaço pensado para que o sistema indígena continue na mesma intensidade como ocorria no tekoha tradicional. Por exemplos, na questão da delimitação de terras, a reserva é um confinamento que não permite às pessoas o exercício da caça. Além disso, ela é uma terra que não oferece possibilidades de práticas tradicionais como no passado, pois não contém florestas e nem água boa para a realização dessas práticas. E por ser uma terra reservada, por todos os quatro cantos são rodeados pelas fazendas que proíbem os indígenas de entrar nas suas terras para realizar a caça, a pesca e a coleta de remédios tradicionais. Diria até que a reserva é só mais um instrumento que o governo utiliza para conseguir alcançar o que sempre almejou no sentido de que os indígenas fossem integrados à sociedade nacional, ou seja, é um instrumento que visa a facilitar a colonização. Porém, os Guarani da Pirajuí ainda conseguem manter ativo seus espíritos e alguns traços do seu modo próprio de ser, nem que seja oralmente e nas suas memórias, principalmente quando o assunto é relacionado aos seus Tekoha antigos.

CAPÍTULO II - A COLONIZAÇÃO DO SER GUARANI

Busco tratar, nesse capítulo, sobre o processo de colonização do ser dos indígenas levado a cabo desde o período colonial até o presente, por ser um assunto que é extremamente importante para entender o atual estado da vida dos povos indígenas. Tenho por objetivo entender esse processo e, principalmente, pensar sobre os impactos que foram perpetrados por meio da colonização no modo de ser dos Guarani Nãndeva. Ao mesmo tempo, busco fazer uma comparação entre o período inicial do contato dos indígenas com os colonizadores, especialmente com o cristianismo, e o momento de hoje. A intenção é, ao final, entender como ocorreu a colonização do pensamento na Pirajuí, dos seus saberes e dos seus modos de ser e quando as instituições que são antagônicas a esses modos de ser se infiltraram no Tekoha. Ressalto que o recorte se refere aos Guarani Nãndeva da região sul do MS e que estou tratando aqui especificamente sobre os Guarani que residem do sul da região de Amambai em direção ao Paraguai, onde se concentram, em sua maioria, as reservas dos Guarani Nãndeva. Para isso, vou me debruçar atentamente nas histórias narradas pelos moradores da Pirajuí.

As principais indagações que me proponho a responder nessa parte do texto, e nas pesquisas realizadas no decorrer do trabalho de campo são as seguintes: Como os Guarani foram colonizados? Será que eles o foram na sua totalidade? Em quais aspectos é possível de se perceber as consequências da colonização?

Essas perguntas são direcionadas para entender os processos históricos que marcaram os meus investigados, ou a forma como eles entenderam esses processos. Convém dizer que é preciso levar em consideração que eles não conhecem o termo colonização, mas conhecem a expressão “karai reko”, o modo de ser do não indígena, que tem o sentido daquele termo, o qual se contrapõe ao “avá reko”, o modo de ser guarani. No “karai reko” está tudo o que não condiz com o modo de viver dos indígenas, por exemplo, os alimentos, os remédios e, principalmente, a sua vida religiosa, conhecida como “o nosso sistema”, ou o “ñande reko” (BRAND, 1993). Para os Guarani, o “karai reko” se refere às coisas que não são boas, que não podem ser proveitosas ou salutares.

Inicialmente, é necessário que se entenda o que é a colonização. Complementarmente, a que ela se refere e qual é a sua finalidade. A princípio, busco

algumas explicações relativas a esse termo através de algumas conceituações estabelecidas sobre ele por diversos estudiosos. Colonização pode significar a ocupação de um novo território ou quando um grupo de pessoas se desloca para um determinado espaço com intuito de viver e explorar (KREUTZ, DOS SANTOS, MACHADO, DE LAROQUE, 2014). Mas, esse processo, quando relacionado à procedência de seus atores, pode ocorrer em ambas as partes, tantos dos colonizadores que se deslocaram com o intuito de colonizar ou os que sofrem a colonização. Colonização se refere a um domínio institucionalizado, assim como ocorreu nas Américas, o qual é marcado por muita violência com os povos encontrados aqui e com aqueles trazidos da África para serem escravizados.

A colonização é conhecida mais no sentido de exploração mesma de um território ocupado, sendo que os colonizadores transportaram consigo, no caso da América, um novo modo de vida que deverá sobrepor-se ao modo de vida dos colonizados.

Ela, a colonização, pode denotar a exploração de recursos que um território dispõe, sem que os colonizadores se preocupem em tomar para si um determinado território, não considerando os grupos humanos que neles já estão estabelecidos. Na América, a colonização aconteceu com o uso de violência e de dominação dos povos nativos. Com isso, buscava-se demonstrar para os povos encontrados que aquilo que os colonizadores portavam consigo era o mais apropriado, ou seja, eles buscavam impor uma suposta superioridade de raça e de cultura europeia sobre os povos dominados. Colonização é, assim,

o ato de colonizar, ou seja, quando pessoas de um determinado país ou região vão para outra região (desabitada ou com nativos) para habitar ou explorar. No processo de colonização, ocorre a influência ou transferência cultural dos colonizadores para os colonizados e vice-versa. [...] Saliento aqui que, o pensamento colonizador e onde prevalece o pensamento dos colonizadores do dominante, ou seja, dos grupos dominantes de subalternizar os dominados como forma de garantir a sua dominação. Assim, os pensamentos, os saberes e os modos de viver e amplamente ignorados (SILVA, 2021).

Durante o período colonial, os brancos se colocavam acima dos negros e dos índios, de modo que essa nova vida é entendida como um novo padrão de poder mundial que foi imposto para a colônia (TRINDADE, 2019). É a esse domínio das gentes que chamamos de colonização do ser, outra faceta da colonização territorial. Porém, temos de evidenciar que muitos dos indígenas não foram colonizados e sequer mantiveram contatos com os portugueses e com os Espanhóis (BRAND, 1993). Tal é o que corrobora Schaden,

afirmando que muitos dos Guarani do presente não descendem dos indígenas que estiveram sob o domínio dos Jesuítas, ou seja, a influência cristã está longe deles (SCHADEN, 1982).

A princípio a colonização está relacionada à expansão marítima que os Portugueses e os Espanhóis realizaram na idade moderna, com a pretensa justificativa de buscar especiarias do oriente, como na Índia e na China, e de outros lugares contíguos que se iniciou com a queda do Feudalismo. A busca pela recuperação da economia foi, sem dúvida, o que levou os Europeus a iniciarem essa expansão na virada da idade média e início da idade moderna (XAVIER E VALE XAVIER, 2012). Nesse transcorrer da expansão econômica, os Portugueses e os Espanhóis saíram na frente de outras nações europeias. E isso resultou no “descobrimto” de uma “Nova Terra”, um novo continente.

Tanto Colombo, que chegou à América em 1492, quanto Pedro Álvares Cabral, que chegou ao Brasil em 1500, representavam uma forma de pensar, pois aliavam a conquista de territórios à conquista de pessoas que pudessem compor o número de fiéis para a igreja católica e súditos para os reinos ibéricos. Mas, diferentemente do que se pensava, a Terra descoberta já tinha uma história e era ocupada por moradores que possuíam ricos conhecimentos e que eram completamente distintos em seus modos de viver daquelas pessoas que acabavam de chegar nas terras alheias, fazendo-se de mansinhos para poder conquistá-los. Aos poucos a mansidão cessou e eles se mostraram como lobos vorazes.

E desde daquela época começou a exploração e a colonização da Nova Terra que mais para frente foi chamada de América. A partir daquela época já se iniciou um dos mais cruéis assassinatos dos povos originários por parte dos colonizadores. A partir daí, dentro das ações da conquista, a construção de novos significados e a desconstrução ideológicas dos povos indígenas que aqui se encontravam (XAVIER E VALE XAXIER, 2012) se perpetuaram até os dias de hoje.

Sendo um dos povos originários encontrados, os Guarani Nãndeva, assim como vários outros povos indígenas, sofreram os impactos da colonização, que chegou com toda a força. Até na nossa contemporaneidade é bastante visível o estrago que foi causado nesses povos. Isso tem levado à manutenção da resistência e à busca de seus direitos, principalmente pela recuperação dos Território Tradicionais, de onde foram expulsos pelos Colonizadores.

O povo Guarani foi forjado historicamente pelas lutas que empreendeu, primeiramente contra outros povos indígenas e, posteriormente, contra os agentes coloniais. Não é a toa que o termo Guarani ou Guaryni, como afirma SILVA (2011), significa povo guerreiro. E isso tem um fundo de verdade, porque nós somos um povo guerreiro, nós nos percebemos como povo Guerreiro. É por isso que demonstramos bastante resistência no sentido de guerrear contra o colonialismo pelo fato de ele querer extinguir o nosso modo de vida.

Isso quer dizer também que os Guarani também eram uma sociedade que fazia uma espécie de colonização constantemente em relação às outras etnias indígenas anteriormente à chegada dos europeus à América. Os relatos que são conhecidos dão conta de que eles se apoderavam dos lugares e, através de guerras, tendiam a ‘guaranizar’ as etnias dominadas.

Apesar disso, os europeus pensavam, na sua chegada à América, que os indígenas viviam em uma eterna ingenuidade (CUNHA, 1992). Porém, não levaram em conta que esses povos tinham o seu próprio modo de ser, suas culturas, as quais não perdiam em complexidade para a cultura ocidental cristã que chegava. Apenas foram acolhedores dos povos recém-chegados. Bem logo, entretanto, os colonizadores não fizeram jus a ideia que os indígenas faziam deles de pessoas do bem, pois passaram a roubar e violentar suas mulheres, a escravizar e a explorar os indígenas, os quais reagiram à presença europeia. E isso não quer dizer que não soubessem o que é o bem e o mal.

A partir do século XVI, a estratégia colonial era submeter os Guarani tanto aos colonos quanto aos religiosos. Mas, para que isso fosse possível, os missionários católicos passaram meses observando os indígenas para após colocar em movimento os seus objetivos, como afirma o Padre Ruiz de Montoya, quando ele e seus companheiros estudaram os seus costumes para após isso implantar o projeto missionário: “*Detíveme en neste Pueblo los meses informándome de las costumbres de los de aquellas província*” (RUIZ de MONTROYA, 1892, p. 123).

O principal objetivo dos missionários era o de civilizar e de cristianizar os indígenas. Na percepção de RAMOS (2007), esses dois processos ocorreram juntos. A primeira intenção era a de tornar os povos indígenas semelhantes ao povo Europeu. Muitas etnias acabaram cedendo à intenção jesuítica e ingressaram nas reduções, redundando essa entrada na sua aculturação, em alguns casos mais profundos, noutros

menos acentuada. A intenção era, de fato, transformar o modo de ser indígena, fazendo-o ingressar na economia e na cultura colonial, algo que se perpetua até os dias de hoje. Um dos principais impactos que aconteceram foi, sem dúvida, na religião tradicional.

Fazendo uma comparação dos processos coloniais do passado com o que acontece nos dias de hoje, a aculturação e a integração à sociedade nacional continuam da mesma forma. A diferença é que, naquela época, isso ocorria dentro da redução e hoje ocorre na reserva e nas retomadas, porém os atores da colonização e a empresa colonial que a executa fazem parte da mesma ideologia cristã.

Desde o tempo de colonização os Guarani estão sempre em constante recriação da sua identidade a fim de manter o seu modo de ser. Entretanto, a consequência da colonização deixou um campo aberto para influência de culturas advindas de fora, pois ela fragilizou o modo de ser dos Guarani, deixando-o exposto para ser influenciado pelas outras culturas ou por qualquer outro modo de vida. Veremos, mais adiante, entretanto, que houve reações a tudo isso. Como afirma BRAND (1993), muitos dos Guarani não tiveram nenhum tipo de contato com os colonizadores, em vez disso, se embrenharam floresta adentro. Isso significa que aqueles que conseguiram se esconder no mato podem ter mantido o seu modo de viver o Teko Guarani na sua totalidade. Por outro lado, como RAMOS (2007) afirma, mesmo que muitos dos indígenas se encontrassem submissos aos religiosos, e ainda eram castigados por eles, conseguiram camuflar dentro da redução o seu modo de ser, principalmente os seus rituais, uma vez que a ideia de conversão nem sempre pode ser tomada como algo acabado, pronto, fechado.

Não se pode negar, entretanto, que a colonização impactou em todos os sentidos o modo de viver dos Guarani Nãdeva e, como dissemos acima, isso não pode ser desligado da ação missionária empreendida pelos Jesuítas, os quais cumpriram um papel de dar suporte aos portugueses e espanhóis.

Os primeiros Jesuítas chegaram na América por volta de 1549, na colônia Portuguesa, e, na colônia Espanhola, em 1558 (RAMOS, 2007). No espaço da América Espanhola, eles se estabeleceram na bacia Platina, onde criaram um complexo de reduções, havendo desde o princípio muitos conflitos entre os xamãs e os padres, por não se entenderem por causa das adversidades religiosas (TEAO e LOUREIRO, 2009).

Os Guarani eram atraídos para um determinado espaço que era chamado de redução. A primeira preocupação dos religiosos era com as suas vestimentas, por andarem

totalmente nus, algo que se chocava com a moralidade católica. Outras preocupações diziam respeito aos seus rituais ancestrais, tomados como expressão do demônio, uma entidade que foi trazida da Europa pelos próprios missionários. Muitos dos Guarani foram para a redução por vontade própria, mas alguns grupos foram porque eram perseguidos por Espanhóis e Bandeirantes, como afirma BRAND (1993), para assim conseguir escapar de serem perseguidores e para não ficarem sujeitos à escravidão.

Mas, o que era a redução? Para responder a essa pergunta tomamos o registro feito pelo padre Antônio Ruiz de Montoya:

llamamos de reducciones a los pueblos de índios, que viviendo su antigua usanza em montes, Sierras y valles, en escondidos arroyos, entre três, cuatros e seis casas solas, separadas a léguas, dos três y, mas unos dos otros, los redujos la diligência de los Padres, a poblaciones grandes y a vida Política y humana, a beneficiar algodón com que se vistanm porque comunmente vivían em descudezm aún sin cubrir lo que la naturaleza oculto. (MONTROYA, apud RAMOS, 2007, p. 16)

Dentro da redução, os religiosos é que tinham o poder de controlar a vida dos indígenas que ali se encontrava submissos a eles, inclusive para castigar, dentre outras coisas, mas segundo eles tudo em nome de Deus. Os castigos, entretanto, não eram realizados pelas mãos dos missionários, mas por outros indígenas que o faziam no nome deles (RAMOS, 2007).

Dentro da redução os indígenas eram expressamente proibidos de realizar aquilo que fosse relacionado ao seu modo de viver ancestral, principalmente na questão da religião tradicional. Na maioria das vezes, como afirma RAMOS (2007), os religiosos contavam com ajuda dos próprios filhos dos casais Guarani para que eles não realizassem os seus rituais tradicionais. A utilização de crianças com esse fim tinha a finalidade de formar gerações alinhadas com o modo de ser europeu, mas também minar a resistência familiar a partir do seu interior, uma vez que os adultos sempre tiveram uma relação de respeito e escuta às crianças. E isso continua até hoje.

Outro elemento que impactou na vida guarani foi a nova forma de batizar trazida pelos europeus. Se antes o ritual de nomeação possibilitava ao Guarani o contato com a sua ancestralidade, o batismo cristão dá uma nova alma ao indígena. Na nova forma de nominar, os indígenas receberam nomes de santos católicos. Os xamãs perderam com isso a possibilidade de nominar os Guarani a partir do seu mundo espiritual. Essa foi uma perda importante, mas não se pode negar a possibilidade de que os Guarani tenham

mantido uma dupla nomenclatura, assim como ainda acontece hoje, pois alguns de nós possuem o nome ocidental e o nome tradicional.

Esse argumento nos leva a pensar sobre o fato de que os Guarani reduzidos não realizavam os seus rituais tradicionais de forma pública, porque isso era impossível na redução, mas que boa parte deles conseguiram camuflar os seus saberes, os seus modos de ser e seus rituais (RAMOS, 2007). Isso mostra a força de TUPÃ e a resiliência dos Guarani, os quais souberam manter a essência de boa parte dos seus saberes. Por isso é que é possível ainda hoje buscarmos novamente esses saberes, os quais não raras vezes encontram-se encobertos, porém vivos. Para isso é que realizamos uma pesquisa de campo baseada na etnografia e nos escritos já realizados sobre esse tema. E o que nos encorajou para isso foi, de acordo com os meus interlocutores, que a reza dos Guarani Ñandeva ocorre por ação da transcendência e nunca por ação puramente humana, de pessoas para pessoas. Até a própria escolha de rezador não é uma coisa que ocorre de forma humana, mas isso vamos detalhar melhor nas páginas subsequentes.

A colonialidade e o modo de ser Guarani na Pirajuí

A Reserva Pirajuí fica localizada na divisa do Brasil com o Paraguai. Sua história é compartilhada com os Guarani de ambos os países. Entretanto, é muito difícil escrevê-la, recuando até o período colonial, pois as fontes das quais dispomos são mais as orais do que as documentais. Acredito, entretanto, que as pessoas que a compõem não tenham ficado alheias aos fatos históricos dos quais o grande povo Guarani participou desde a chegada dos europeus até o presente. Nessa parte do texto, focarei nossa análise mais na história recente.

Podemos pensar que, supostamente, muitos grupos de indígenas não foram atingidos diretamente pela colonização num passado mais longínquo, porque não foram transportadas para a redução. Mas eles foram impactados por outros elementos da colonização, de modo que seus reflexos se fazem presentes na atualidade, porque a própria reserva é fruto da colonização recente. Assim sendo, ela está impregnada pelo espírito colonial, de uma maneira que nos faz pensar que em algum momento ela cedeu ao colonialismo. Sobre o colonialismo e a colonialidade é que discorrerei nesse tópico.

No nosso cotidiano podemos perceber a influência da Colonização principalmente pelas falas, pelas ações e pela forma dos comportamentos dos próprios

Guarani, podemos vê-la na religião que seguem e no preconceito que existe abertamente pelo seu próprio ser Guarani. Então, a consequência da Colonização é bastante forte no Teko Guarani e isso vai além do seu “Teko Teeté”.

Hoje em dia, na Pirajuí, as instituições, como as Igrejas, mantêm fortemente a sua presença e com isso certos aspectos do modo de vida dos Guarani se encontram frágeis, pois essas instituições preconizam que a maioria do modo de ser indígena, principalmente quando se trata da cultura, não pode se perpetuar na vida de um Guarani quando ele se converte ao cristianismo. Esse pensamento é reproduzido pelos próprios moradores do Tekoha, não sendo diferente do que se pensava na época do início da colonização, dentro das reduções.

Apresentamos, a seguir, a fala de uma mulher, dona Olímpia Romero, que se considera não mais como rezadora, pois ela fala que tem certas coisas que a distanciam do dom que lhe foi dado. Dona Olimpia Romero assim se refere às instituições religiosas que estão na Pirajuí: “...as igrejas que se encontram no nosso tekoha hoje, só trazem insegurança e desrespeito para o nosso próprio tekoha. É como se outros tipos de espíritos malignos tivessem adentrado no nosso tekoha...” (ROMERO entrevista concedido ao autor, 2023)

Na concepção de Romero, as Igrejas que se encontram na reserva, devido a sua diversidade, são meras imitadoras do ‘karai reko’, pois somente geram desrespeito e desentendimento nas famílias. Por outro lado, as igrejas, segundo ela, têm algo de positivo ao lado dessa característica negativa, relacionado aos comportamentos das pessoas em algumas situações, de modo que ela defende que é preciso que as religiões entrem em consenso para que uma não se sobreponha a outra. Para Dona Olímpia, a religião tradicional demonstra maior respeito pelas outras religiões, pois tanto a tradicional quanto a convencional envolvem a espiritualidade. Porém a recíproca não é verdadeira, pois a religião tradicional não é reconhecida e respeitada pelas igrejas cristãs.

Como afirmamos acima, os Guarani enfrentaram vários processos de aculturação no decorrer do seu encontro com o povo advindo da Europa e, mais tarde, com as sociedades nacionais que dividiram o grande território guarani em países diferentes, perpetuando-se o mesmo espírito de dominação presente desde o início da colonização. A colonialidade, para QUIJANO, é um fenômeno que se originou dentro do próprio colonialismo, ou seja, ela se concretizou com o colonialismo, porém, o colonialismo é um

conceito que pode ser implantado em determinado espaço, mas, ela é esse espírito de dominação que perpetua para além do colonialismo.

Segundo QUIJANO (1997), a colonialidade é um conceito amplo que não ocorre sem a modernidade e ela pode ser implantada no âmbito da política, da economia e da cultura. Ela não desaparece com a independência das antigas colônias e, mesmo com o fim do colonialismo, continua se propagando em relação ao modo de vida, de saberes e conhecimentos. E isso pode ser visto através da naturalização ou da aceitação de certos modelos de vida que podem ser vislumbrados através da hierarquia racial, de domínio dos povos subalternizados, em relação à cultura, ao território e à ciência. Na América, portanto, a colonialidade ocorreu com bastante rigor e impregnou-se no modo de ser dos Guarani. Isso se manifesta, principalmente, quando percebemos a busca constante de desprezar os conhecimentos tradicionais. Esse espírito se mantém inalterado desde o período colonial e continua a se perpetuar de forma incessante até na atualidade.

E para rebater a colonialidade, nós, os Guarani, precisamos investir na descolonização de nossas consciências, ou seja, rebater arduamente a colonização para amenizar aquilo que vem implantando novas formas de ser e engolindo aspectos relacionados aos modos de ser tradicional dos Guarani. Não se pode esquecer, nesse processo, que a colonização se apropria da alma guarani e busca invisibilizar e hierarquizar um povo com relação aos outros, praticando o racismo. Ou seja, ela busca homogeneizar a partir daquilo que o ocidente determina como sendo o padrão a ser seguido pela maioria. Temos de considerar que o colonialismo visava colocar a Europa como o centro do mundo. A partir desse eurocentrismo, os povos conquistados da América deviam se espelhar e buscar se aproximar de um modo de ser que lhe é alheio (MAIA e MELO, 2020), seguindo modelos predatórios de humanidade.

Podemos dizer, sem medo de exagerar, que a colonialidade tem adentrado constantemente na sociedade Guarani, mas precisamos também levar em consideração que os indígenas em geral foram forçados a ceder naquilo que eles não queriam, e podemos utilizar a reserva como exemplo disso. Nela, os indígenas foram confinados contra sua vontade e, nesse espaço, por estarem fora do espaço pleno de significados, é mais fácil de a colonialidade se desenvolver, principalmente a colonialidade de poder, aquela que hierarquiza as pessoas pela sua origem étnico-racial. Inclusive, há hierarquização entre os próprios indígenas que são de etnias diferentes. No mesmo sentido, os indígenas são atraídos pelo sistema karai que o rodeia e é difícil resistir a tudo

que a modernidade/colonialidade oferece. Mas, mesmo assim o nosso modo de ser Guarani está resistindo e não cede tão facilmente aos falsos chamados. Como exemplos dessa resistência temos a nossa língua e a nossa reza.

Não se pode negar, contudo que, desde o início da colonização, o contato entre os europeus e os Guarani foi e é marcado pelas alianças no nível social, econômico e político (CHAMORRO, 2007, Pág. 44). Isso pode também ser estendido para o contexto dos indígenas também na questão da religião. O cristianismo traz novas possibilidades de alianças aos indígenas, entre si e com o mundo externo.

Na comunidade da Pirajuí, o ingresso da religião cristã é recente porque o local era de difícil acesso e ficava muito distante dos centros da colonização. Além do que a região era de mata fechada, como confirmam os meus interlocutores. O cristianismo iniciou sua ação na Reserva no ano de 1964 com a chegada dos primeiros grupos Missionários liderados por um senhor de nome Reinaldo. O grupo de evangélicos veio com o propósito de evangelização e se instalou em terras contíguas ao Tekoha Pirajuí.

Segundo Celsa Medina, uma moradora antiga da reserva de Pirajuí e filha de rezador,

antigamente os moradores de Pirajuí viviam constantemente em Jeroky Gassú, faziam as suas festas tradicionais, o batismo do milho, das crianças, primeiro a reza ocorria em um determinado Tekoha e todos nós íamos para lá e depois no outro Tekoha e fazíamos a mesma coisa. (MEDINA, entrevista concedida ao autor, 2023)

Percebi pelo suspiro dado pela antiga moradora no momento que lembrava que naquela época, antes da chegada dos cristãos, os Guarani eram muitos mais tranquilos, que ela apreciava muito a forma como viviam anteriormente, de maneira mais harmônica, mesmo já morando em contexto de reserva. Mas, desde a chegada dos Missionários isso mudou porque eles vieram com uma estratégia assistencialista no sentido de trazer remédio, roupas e outras coisas, e assim, aos poucos eles foram atraindo os indígenas para a Missão. Quem se transformava em crente era incentivado pouco a pouco a abandonar o que eles chamavam de ‘teko Ky’á’, expressão que indicava um modo de ser ligado aos ritos, rituais tidos como pecado. A vida espiritual dos Guarani, assim como o seu modo de viver, foram considerados profanos e, por isso, precisavam ser abandonados. Esses missionários eram alemães, como conta seu Avelhano Medina (MEDINA, 2023B), e se instalaram bem próximo da Reserva.

Os missionários investiram desde o início no ensino tanto de crianças quanto de adultos para ler e escrever, mas no princípio o estudo era voltado para a leitura da bíblia e para poderem repassar aos outros os conhecimentos que se mostravam resistentes à Missão alemã. Após isso, essas pessoas passaram a ser preparadas para serem propagadores do evangelho pelos lugares próximos, tanto no Brasil como no Paraguai. A princípio iniciaram com um pequeno grupo de homens e assim foram atraindo os interessados nas atividades da Missão.

A chegada dos missionários à Pirajuí teve um grande impacto sobre a Cosmologia Guarani, a qual vem sendo consumida paulatinamente desde aquele momento. A ação dos missionários em nada se diferenciava da ação dos Jesuítas do passado. De fato, como algumas pessoas da comunidade se dispunham a ajudar os missionários, aos poucos vai se instalando um clima, segundo ROMERO, de desrespeito, redundando naquilo que a colonialidade almeja: aculturar para dominar.

Apesar de toda a pressão sentida pela comunidade tanto externa quanto internamente, posso dizer que muitos rituais de fato vão se perdendo com o passar do tempo, mas, questionando um senhor de idade do Tekoha Pirajuí, Medina, ele disse o seguinte:

Nosso modo de vida, a vida dos Guarani, jamais acabaria assim tão facilmente e ainda mais as nossas rezas que está no nosso sangue e no nosso espírito e por meio dele mantemos as nossas vidas e a vida da própria Terra, se ainda existe os povos Guarani a reza também existe (MEDINA, entrevista concedida ao autor, 2023).

Portanto, quando o seu Avelhano Medina narrou dessa maneira, deu a entender de que não seria tão fácil de os Guarani perder a essência da reza e do seu Ava Reko. Mesmo sendo feito de tudo para que os antepassados se despissem da sua religião tradicional, ela ainda é visível quando analisamos a vida dos Guarani, sua forma de falar, sua forma de convivência e pela reverência que há entre eles. Percebo também que ainda existe na reserva o espírito de reciprocidade, pelos menos em certos aspectos, porém esses elementos já não são mais praticados por muitas famílias em decorrência do cristianismo que veio mostrando o inverso daquilo que o modo de viver dos Guarani prega, ou seja, isso seria consequência do novo colonialismo religioso que perdura até hoje.

O colonialismo é bastante forte na mente das pessoas e em quase toda a sociedade Guarani. No mundo moderno, dentre os Guarani cresce a busca constante do “karaí reko”, o modo de ser do não indígena. Para muitos isso é necessário, pois todos

nós precisamos sobreviver de alguma maneira. Por exemplo, na reserva Pirajuí hoje em dia já se buscam implantar plantações de soja na tentativa de se crescer economicamente e evidenciar para os outros que isso é possível. Percebemos, entretanto, por outro lado, que isso não é bom para os próprios indígenas, pois essas plantações requerem a utilização de alguns tipos de produtos tóxicos que são prejudiciais para a saúde da terra e das pessoas. Nesse sentido, os seus impactos estão sendo muito discutidos pelos próprios patrícios, pois um grupo quer a plantação e outros não.

Muito embora seja possível de identificar embates de pensamentos e concepções de vida diversos na Pirajuí, é possível afirmar que o colonialismo paulatinamente se fixa nos modos de ser dos Guarani e isso faz também com que o espírito de reciprocidade vá diminuindo e em seu lugar vá se implantando o egocentrismo capitalista. Essa forma de pensar de alguns grupos acaba prejudicando as nossas rezas e outros elementos do nosso modo de ser Guarani, como o *teko joja*. A colonialidade vem fazendo os Guarani elaborar e viver a mentalidade dos brancos, pois muitos buscam arrendar as reservas, tendo esses pensamentos no sentido do egoísmo e deixando de lado a reciprocidade. E podemos perceber, por exemplo, que isso se torna cada vez mais preocupante nas tentativas de se vender um pedaço de Terra entre eles mesmos. Quer dizer, a colonialidade já faz os Guarani pensarem que a Terra poderia dar lucro, ou que ela serve para se produzir algo sem se importar com a natureza. Dentre os aspectos negativos que percebemos nessa mentalidade, parece que não há preocupação com a própria reserva que pode ter os rios que cruzam o lugar deteriorados.

Mas, apesar dos ataques, a reserva de Pirajuí ainda preserva uma biodiversidade muito rica. Quando se olha a partir do seu interior, é possível perceber que ela contém muitas riquezas, pois, em muitos cantos ainda se respira ar puro e ainda existe bastante remédio tradicional. Nesse sentido, ainda somos ricos. E é exatamente isso que leva frequentemente os produtores de fora da reserva a querer arrendar as terras e trazer o pensamento ocidentalista para o meio dos Guarani, querendo submetê-los ao modo do ‘*karai reko*’, de produzir, vender, utilizar veneno e deteriorar o nosso *tekoha*. O bom é que percebo que a maioria da população é contrária a isso, pois, precisamos do nosso *tekoha* para as nossas futuras gerações, para que os nossos filhos também possam viver na Pirajuí.

CAPÍTULO III - A REZA, O CANTO-DANÇA E O BATISMO

A reza, o canto e a dança são os elementos essenciais para a vida espiritual dos Guarani, assim como o batismo e os benzimentos. Esses elementos estão interligados entre si e com outros traços da religião tradicional. Sendo assim, todos eles são de extrema relevância na cosmologia dos Guarani.

Embora a reza e o batismo tradicionais possa, no nome, guardar alguma semelhança com a reza e o batismo cristão, ambos os elementos contêm aspectos específicos dentro da ritualística guarani. O mesmo se pode falar com canto e da dança. Ademais, há que se pensar que todas as sociedades possuem formas específicas de se comunicar com a transcendência e possuem os seus rituais específicos de iniciação. No caso específico da reza e do batismo, mesmo que eles estejam presentes na maioria das religiões, entre os Guarani assumem sentidos e formas específicos, sobre os quais nos propomos debater nessa parte do texto.

Não podemos negar que muitos termos que utilizamos no âmbito dos debates sobre a espiritualidade Guarani provém do Cristianismo. Os termos reza, batismo são dela provenientes. Por isso, preferimos a expressão ‘canto-dança’ em vez de reza e *ñemongarai* em vez de batismo.

A concepção cristã de reza e batismo tem a ver com a sua liturgia. Essas palavras designam práticas com características específicas que são diferentes das práticas religiosas dos Guarani. Embora haja possibilidades de aproximações, sempre haverá sombras com relação ao entendimento de tais práticas. Mesmo assim, é possível pensar esses elementos como integrantes de práticas humano-religiosas comuns ao fenômeno religioso como um todo, pois a religião sempre acompanha os seres humanos ao longo da sua história. Para o CRUZ (2019), muitos pensadores são desatentos com relação aos rituais e suas simbologias, não percebendo a sua importância real no contexto da humanidade.

Ressalto que aqui tratarei sobre a religião dos Guarani, utilizando como fonte as narrativas feitas pelos moradores da reserva Pirajuí. Convém dizer que existem muitos artigos escritos sobre ela, mas que os consideramos superficiais, além do que muitos são escritos por não indígenas, sendo passíveis de enganos. Em muitos aspectos, muitos deles estão sujeitos a erros, ou talvez tenham sido redigidos não considerando a totalidade da religião tradicional, ou ainda tenham utilizado uma perspectiva não tão verdadeira, pois as religiões dos indígenas são variadas, possuindo cada qual as suas especificidades, não sendo possível de se fazer universalizações, seja dentro do universo de todos os povos indígenas, seja dentro de um mesmo povo, o qual pode possuir variações muito grandes se comparadas uma terra indígena com outra.

Quanto a esse último aspecto, tenho de advertir que não se pode tomar a sociedade Guarani de forma monolítica, pois sempre houve fatores que levaram as comunidades a favorecer as práticas de um determinado grupo em relação a outros, que ficam para traz ou até mesmo caem no esquecimento, como ocorre nas demais sociedades humanas.

Em se tratando sobre o Guarani, eles sempre tiveram seus canto-dança e demais rituais religiosos, todos ligados à sua cosmologia. Nesse tópico, entretanto, trato sobre a cosmologia no sentido de religiosidade Guarani, entretanto abordando especificamente

sobre os Guarani Ñandeva do Tekoha Pirajuí, não pretendendo que os relatos sejam exaustivos sobre a religiosidade guarani em sua totalidade.

O canto-dança já se inicia no ventre de uma mãe Guarani, como afirma dona Cerça Medina. Por exemplo, ele se inicia através das preces realizadas já na gestação de uma mulher Guarani. Nesse momento, os mais velhos e rezadores já orientam os pais para seguir os conselhos das pessoas experientes. É quando também acontecem benzimentos e as mães são submetidas a processos de massagem e outros tipos de preces (MEDINA, entrevista concedido para o autor, 2023). É como se se estivesse conversando com o bebê que está na barriga da mãe e os mestres tradicionais já proferem um prognóstico com relação à criança e, dessa forma, vão preparando a sua chegada com inúmeros rituais. Ou seja, desde o início do conceber, a mãe Guarani vai passando por vários processos de cuidados, dentro dos costumes dos Guarani, segundo confirmaram os meus interlocutores.

Por fim, após o nascimento, ainda é preciso que a criança passe pelo ritual do batismo, o *ñemongarai*, quando passa a ser considerada um membro da sociedade Guarani, pois todas as crianças que vem a ser concebidas, o nosso “TUPÃ” a envia com um propósito impregnado ou selado na sua alma, que os Guarani chamam na sua língua de “*MAINÓ, NHE'E RYRU OU GUYRA*” (CHAMORRO, 2007). Essas seriam as denominações que os Guarani utilizam, após a passagem pelo ritual de batismo, para chamar as almas que a transcendência envia à Terra, com forma humana, a partir do concebimento de uma mulher Guarani.

Outro aspecto relevante sobre esse tema é que as crianças são enviadas à terra sem pronunciar nenhum tipo de palavra para assim não dizer do lugar de onde vem e para não contar do lugar maravilhoso do qual foi enviado, assim como afirma dona Medina: “*eles vêm, sem saber nada, ou seja, se fazem de não saber nada, mas só que não, eles já previam tudo aquilo que vão viver*”. (MEDINA, entrevista concedida para o autor, 2023)

Por isso é que as crianças são enviadas à Terra como se fossem uma alma nova. De fato, a criança é alma nova porque foi dessa forma que aprendemos dentro do senso comum no nosso cotidiano. Com isso, a criança quando vem ao mundo necessitaria reaprender tudo novamente, mas na verdade ela já tem os conhecimentos daquilo que vai precisar enfrentar no decorrer da sua passagem pela Terra. Ou seja, ela já está ciente da sua jornada do decorrer da sua vida.

Cada criança apresenta o seu próprio comportamento e traz consigo as suas habilidades, demonstrando que recebeu essas características diretamente da transcendência. Cada criança porta aspectos peculiares que somente ela possui, pois, no mundo dos Guarani, cada ser é diferente dos demais, revelando o mesmo comportamento que essa alma portava consigo desde que veio a esse mundo.

Como afirma dona Cerça Medina, na maioria das vezes a alma que já estava aqui foi para o mundo ancestral e voltou novamente, reencarnando no corpo da criança. Isso é muito comum no meio dos Guarani, principalmente para os Guarani de idade mais avançada, que constantemente comentam dessa forma: “...*esse deve ser o espírito da sua avó ou do seu avô...*” (MEDINA, entrevista concedido ao autor, 2023).

Para chegar à conclusão de que a criança é a reencarnação de um antepassado, os Guarani se baseiam nas palavras que ela profere, se referindo sobre algo que, quando a pessoa era viva, gostava de fazer ou de pronunciar, ou quando a criança tem as mesmas características do antepassado e são reconhecidas pela família. Até o próprio rezador fala isso quando vê uma criança no meio de uma família que ele conhecia e que possuía com ela um vínculo forte seja como compadre ou comadre. Tanto o rezador quanto os familiares constantemente encontram similaridades das atitudes e gostos do morto com a maneira como a criança é ou através de seus comportamentos.

Com relação às almas que a transcendência envia, ela vem com um propósito ou tarefa que a pessoa precisa realizar no decorrer da sua jornada: “*as crianças que vem hoje em dia, tanto como antigamente, elas foram enviadas com propósito impregnado nos espíritos do recém-nascido e estas precisarão cumprir esses tais propósitos, durante a sua jornada na Terra.*” (MEDINA, entrevista concedidas ao autor, 2023)

No entanto, nessa criança a alma nova, “*mainó, ñe’e ryru*”, precisa passar pelos rituais costumeiros: pelo *ñemongaraí*, pelo benzimento e ter o seu nome na língua Guarani. Isso seria uma forma de resguardar a pessoa das coisas perversas que há de enfrentar no decorrer da sua jornada pelo mundo. Assim sendo, não vai precisar ter medo de nada, porque o resguardo está vinculado diretamente a *TUPÃ*, que terá por ela reconhecimento. Porém, isso somente acontece com quem passou por todos os rituais que vão lhe garantir uma vida plena e tranquila aqui na Terra, ou seja, mesmo quando algo lhe acontecer, seria fácil ao rezador atalhar o sofrimento ou realizar os seus benzimentos. Passar pelos rituais facilitaria a ação inclusive para os rezadores e rezadoras.

O batismo tradicional – *ñemongaraí* – é um dos rituais muito importantes na cosmologia dos Guarani, porém a sua realização nos dias de hoje é rara, pelo menos na Pirajuí. Esse ritual foi impactado fortemente pela colonização, pois os colonizadores e os missionários estavam a serviço da ‘empresa da cruz’. Ou seja, em nome de outros conhecimentos e interesses, os rituais tradicionais foram combatidos, pois, para os colonizadores, eles levariam à perdição das almas, pois os indígenas não teriam um deus e se encontrariam em um estado de perdição (PIRES, 2022).

Apesar de todo o investimento feito pelos colonizadores do passado e do presente, o batismo tradicional continuou existindo, mesmo se tornando uma prática esporádica até alguns anos atrás, como corroboram os meus interlocutores através das histórias narradas pelos seus pais e avôs. Porém, de um tempo para cá houve um momento que essa prática voltou a ser realizada com intensidade, pelo menos antes da criação das reservas, porque a maioria dos indígenas ainda mantinham o contato com a natureza e com os seus territórios na sua totalidade. Para Valentim Pires (2020), os territórios demonstravam a sua totalidade no sentido de ter fartura e a possibilidade da prática do Teko, como a caça e a pesca, e ainda existia grande quantidade de remédios tradicionais, ou seja, havia uma vida plena e harmoniosa com o território e com os espíritos.

Voltando ao batismo, ele ocorria nas regiões da própria Pirajuí ou da sua redondeza. Ele era realizado nas aldeias diferentes e na época os Tekohas ainda não eram limitados. Assim, para participar do ritual e para batizar os seus filhos, os Guarani se deslocavam para outros Tekoha e desta forma compartilhavam os rituais entre si e com as parentelas - Guarani com Guarani (PIRES, 2020).

Após a criação e a delimitação da Terra, ou seja, após a criação das reservas, esse ritual também passou a ser limitado, porque os indígenas sofreram o *sarambi* (esparramo). Uns se deslocaram para outras reservas, outros para o país vizinho, então sobraram poucas famílias que conheciam a forma correta de realizar o ritual.

É importante salientar que o ritual tem os seus processos de funcionamento, e o seu enfraquecimento se intensificou ainda mais com a vinda de outros tipos de religião. Na Pirajuí, por exemplo, em meados de 1968, os missionários alemães já estavam atuando, fazendo com que a evangelização contribuísse para os enfraquecimentos de vários traços culturais, o que, na língua indígena, é dito ‘*oñenõngatu ou omoñenõngatu*’, palavras que tem conotação de fazer esses saberes encolher, deixar de ser praticados. Isso

levou a que, após o ano de 2000 eles não tenham acontecido mais, segundo Dona Felicita Vera: *“aqui, acontecia várias vezes, o Batismos, o Jeroky, em muitas ocasiões e íamos participar também em várias outras aldeias os nossos caciques combinavam de fazer em Tekoha diferentes...”* (VERA, entrevista concedida ao autor, 2023).

Os Guarani em uma época bem recente compartilhavam esses conhecimentos entre si, cada um em seu Tekoha tradicional, mas sempre combinavam ou planejavam para realizar esses rituais em locais diferentes e os conhecimentos se mostravam constantemente presentes nos próprios modos de vida dos Guarani, segundo Felicita Vera. Mas o conhecimento ocidental, com suas estratégias, vem fazendo com que esse saber encolha na comunidade, e isso é causado pela evangelização, assim como confirmaram os nossos interlocutores.

No caso dos Guarani Nãndeva, o Batismo tradicional é um dos rituais considerados extremamente sagrados, por estar relacionado com a própria alma. Ele impacta diretamente sobre a vida Guarani, ou seja, é um ato que garante a sobrevivência enquanto Guarani. Esse ritual se apresenta como se fosse um resguardo, um espírito que guia um Guarani no decorrer da vida na Terra (OLIVEIRA entrevista concedido para o autor, 2022). Mesmo que já tenha sido dito em outras palavras, o nosso interesse é descrever a sua importância, mas salientar, a partir dos relatos dos meus interlocutores, os benefícios que ele traz para os Guarani, para o seu mundo espiritual e físico.

Como foi com a chegada da Missão alemã que, na nossa avaliação, houve uma considerável mudança na vivência das práticas tradicionais no presente, realizamos um breve cotejamento do Batismo tradicional com o Batismo convencional, que no caso seria o Cristão, da possível relação de (a)simetria entre ambos os batismos. Por isso, após as nossas indagações, constatamos que o batismo indígena Guarani Nãndeva serve para manter a vida dos Guarani em sua plenitude, já o do Cristão podemos dizer que é um ato simbólico que visa selar os seus membros, para evidenciar que um indivíduo aderiu a essa religião.

Ou seja, no cristianismo o Batismo representa a transição do ser pecador para ser membro do Cristianismo, para se tornar um cristão. A diferença do batismo cristão, que está para ser purificado ou sair do pecado, e o batismo tradicional, é que nele o ato é relacionado ao viver e sobreviver enquanto ser humano na Terra.

Portanto, constatamos que o batismo é distinto se tomarmos a perspectiva Guarani tradicional e a Cristã. Por outro lado, pode ser também idêntico, ao ser um ritual que indica pertencimento.

Para enriquecer o debate, trouxemos algumas descrições, por meio dos relatos dos interlocutores da reserva de Pirajuí, daquilo que eles têm de concepções e daquilo que muitos vivenciaram desse ritual. Utilizamos também os relatos de pais e avós que passaram pelo *Ñemongarai* dos Guarani Nāndeva, dos procedimentos, da forma como os Guarani realizavam, trazendo os elementos rituais que eles utilizavam.

O batismo indígena tradicional (*Ñemongarai*) é o ritual pelo qual um indivíduo indígena Guarani recebe o nome na língua Guarani (*ÑEMBOHERA KA'AGUY*). Tanto o “ñemongarai” quanto o “ñembohera Ka'aguy” refere-se aos nomes que o Deus Guarani assenta na pessoa Guarani, por meio da reza e dos rituais executados. Por meio da reza o rezador invoca constantemente TUPÃ para que envie o espírito protetor que o recém-nascido vai precisar. Esse espírito viria da transcendência, do além, do céu Guarani, o lugar onde vivem os ancestrais (MENDES CHAMORRO, 2018). É um ritual que visa fazer alma se deslocar, da transcendência, o lugar onde ela habita, para que esse espírito venha e acompanhe o indivíduo Guarani na sua jornada aqui na Terra. Isso é de grande importância – o assento na criança –, pois quando um indivíduo Guarani não passa por esse processo está sujeito a adoecer fisicamente ou a sofrer qualquer tipo de sofrimento durante a sua vivência na Terra (MENDES CHAMORRO, 2018). Batizar é como se fosse garantir a sua segurança, caso contrário é como se não estivesse seguro, ou seja, correria grande risco.

O *Ñemongarai*, além de ser um ritual de nomeação, é um ritual no qual o espírito, a alma, que na linguagem Guarani é chamada de *ÑE'Ē*, *AYVÚ* e *GUYRA* (CHAMORRO, 2007), tome assento na pessoa. O ritual ocorre por meio da Reza longa intermediada pelo Rezador Guarani, que na linguagem Guarani é chamado de *Ojeroky ka'aguyva* e a reza é dirigida a *Tupã, Ñande Ypyrũ* (MORALES, 2021). No fim da reza o rezador recebe os nomes das crianças e, na sequência, ele os repassa para os pais da criança, e desde aquele momento eles passam a utilizar esse nome e a chamar a pessoa daquela forma.

Na cosmovisão dos Guarani, uma criança conhece todos os lugares por onde a mãe anda desde quando é gerada no seu ventre. Após o nascimento, ela não pode ser

levada para lugar que desconheça porque corre o risco de sua alma se perder aí ou se perder nas encruzilhadas por onde se passou. Por isso, os pais precisam sempre estar atentos e constantemente chamá-la pelo nome, pois caso ocorra algum desencontro da alma com o corpo, a alma da criança pode regredir/voltar para a transcendência. Mas, na volta para a transcendência, constantemente essa alma fica atenta na esperança de ouvir a voz da mãe. Caso ela a invoque, ela volta para o corpinho. Se o corpo morrer aqui na terra, há a opção de recorrer por meio do rezador para ele conduzir novamente a alma da criança da transcendência ao corpo, mesmo após ela chegar na transcendência. Nesse caso, o próprio rezador ou rezadora a conduziria pela mão (MORALES, entrevista concedida para o autor, 2023). Essa descrição está vinculada diretamente ao batismo, mas segundo Avelhano, em muitos casos nem o rezador conseguiria mais trazer de volta essa alma para o corpinho:

quando ocorre esse desencontro da alma da criança com o corpinho dela, ela ou ela chora, chora e chora muito e a criança não entende mais nada mesmo, tentando se dialogar com ele, porque a alma já está longe e assim, tem que levar para um rezador urgentemente, somente ele pode falar se pode trazer de volta ou não...já vi muitas crianças que faleceu assim. Mas se recorrer antes que seja tarde, o rezador pode trazer de volta, por meio da sua reza e benzer para que isso não volte a acontecer”. (MORALES, entrevista concedido ao autor, 2023)

O ritual do *ñemongaraí* ocorre da seguinte forma, como afirmaram os meus interlocutores. Geralmente ele se estende por vários dias ou meses, pois se trata de um ato muito delicado que exige muito cuidado por parte dos Rezadores para que tanto os batizados quanto o rezador não sofram nenhum tipo de dano que comprometa a sua vida e saúde.

Ele inicia com o Benzimento de cada indivíduo que está ali para participar do ritual. O rezador observa a alma deles, seja de homens ou mulheres, para ver se estão aptos a acompanhá-lo durante o processo. Se perceber algo que o atrapalhe, o rezador resolve o problema no mesmo instante através do **jehecha** (Benzimento) (MORALES, 2021). Depois, vira-se de frente para o santuário que os Guarani chamam de *TATAINDY'I*, que é uma espécie de altar o qual os Guarani utilizam para realizar os seus rituais, como a reza, o canto e a dança. E os Guarani tem o costume de realizar os rituais somente na frente dele. E eles têm muita reverência pelo referido ‘altar’, não podendo qualquer um passar em frente dele. Os Guarani os têm como um instrumento para se comunicar com a transcendência e, com isso, manter o seu vínculo de Guarani com os Jara. Esse ‘santuário’ é feita de cedro, colocado 3 madeiras fincadas para cima, recebendo geralmente 1 ou 2

varas no sentido horizontal. Seus adereços são de pena de louro e de arara “karau”. Ele é um objeto muito sagrado para os Guarani.

Outra coisa que é importante salientar é que é a própria transcendência quem escolhe o lugar onde o Tataindy’i será feito, intermediado pelo rezador.

Dando continuidade na descrição do ritual, em seguida o Rezador fala para o seu auxiliar (*YVYRA’IJA*) proferir a duração do ritual que o Rezador estipulou. Em alguns casos, o tempo destinado ao ritual depende da estimativa de crianças que vão passar por esse processo. Em outros casos, depende dos espíritos das pessoas que estão ali. Então inicia-se com a Reza e, na sequência, os pais das crianças são submetidos a orientações sobre os procedimentos que precisam realizar e para os quais precisam se atentar durante o processo do batismo, por exemplo: participar ativamente da Reza, com o filho no colo, não ingerir algo que comprometa a saúde da criança e do Rezador (MEDINA, 2022).

Imagem do Tataindy’y



Fonte: acervo do autor. Imagem fotografada na Pirajuí, no dia 22/09/2023.

É preciso que se cumpra o prazo estipulado pelo rezador no desenvolvimento do ritual. Nesse tempo é preparado o *Kaguī* (bebida tradicional dos Guarani Nāndeva) para desfrutar após a reza. No decorrer do ‘*kotyhu*’, que é um canto constantemente realizado pelos Guarani, após a reza ‘*jeroky*’, como forma de demonstrar que se está em grande alegria, esta bebida tradicional é apreciada. Geralmente são as mulheres que a preparam para poderem servir para os que estão no ‘*kotyhu*’. A bebida é feita de milho branco, na quantidade para não faltar durante o ritual (MORALES, 2021).

E após um longo dia de Reza, após invocar o Tupã dos Guarani pelas almas novas que estão ali para receber o nome para fazer parte da família Guarani, chega o momento de revelar o nome de cada criança. No entanto, isso ocorre somente no final do último dia da Reza. Então coloca-se água em uma vasilha ou copo de cabaça e o rezador apanha folhas de cedro (planta reconhecida pelos Guarani, como planta sagrada, ou como planta do Tupã) que utilizará para realizar a aspensão dos presentes (SILVA, 2020). As crianças colocam-se em filas sentadas no colo da mãe ou do pai, ou no colo do futuro padrinho ou madrinha, para receber o nome. O *Ojerokyva*, rezador, faz a sua reza/Benzimento nas crianças jogando a água com a folha de cedro na cabeça do bebê. Ao mesmo tempo ele vai assoprando e revelando o nome de cada um deles. Na sequência, vai aconselhando o pai de como deve preparar a criança durante o seu crescimento e revelando também o significado do nome, segundo disse dona Felicita Vera (VERA, entrevista concedida ao autor, 2022). Esse nome que vem do além é um tipo de codificação para demonstrar que esse é um indivíduo Guarani, pois é uma alma que o próprio Deus Guarani enviou. Quando um indivíduo recebe o nome, é essa alma que vai conduzir o indivíduo aqui na Terra (Mendes Chamorro, 2018).

Depois de ter recebido o nome, a criança pode ser considerada batizada. Na visão dos Guarani, “*ni ara verágui nomongyhyje mō’a veima, ko’anga guive, nānde rera Ka’aguy ramo ko ñañe’e ramo ara vera pe há’ekuera ñanerendu, omano akue jepeve ñane momba’e hina*” (MORALES, entrevista concedida para o autor, 2023). Após tudo isso, festeja-se com muita bebida tradicional **kaguī** e com muito **kotyhu** (canto) como forma de se demonstrar a gratidão pelas almas que acabaram de receber os seus nomes e que estão compondo a família Guarani.

Enfatizo aqui que esse ritual é feito pelos Guarani Nāndeva para que as suas crianças estejam prontas para enfrentar o mundo, tanto como pessoa como espiritualmente, e esse ritual geralmente é realizado com crianças recém-nascidas, porque

são isentas de qualquer mácula, que em Guarani é o “*Teko Ky’á*”, e porque é mais fácil de nomear, segundo Luciana (OLIVEIRA, 2022), pelo menos antes que consiga pronunciar quaisquer palavras: “*Antigamente se fazia o ‘Ñemongarai’ com crianças recém-nascidos só, mas agora já é preciso fazer com adultos, muitos não passaram mais por isso e estão sujeitos a alcance dos espíritos perversos*” (MEDINA, entrevista concedida para o autor, 2022).

Para batizar adultos já é mais complexo, pois se exige mais tempo e um só rezador não daria conta, porque os adultos de certo já estão em muitos ‘pecados’ que podem comprometer o espírito dos rezadores (pecado é aqui, por certo, uma expressão cristã que adentrou na cosmologia guarani!). Desta forma, exige-se mais tempo e maior quantidade de rezadores ou rezadoras para se realizar o batismo.

As crianças, a partir do recebimento do nome em Guarani, são reconhecidas como filhos ou como irmãos menores do Deus (Tupã). Assim estão isentas dos espíritos maus e das doenças, mas caso isso ocorra, torna-se mais fácil do rezador subtrair e expulsá-los (OLIVEIRA entrevista concedida ao autor, 2022).

Como já dito anteriormente, hoje em dia há muitas consequências por falta desse ritual no nosso território: “*Vemos pessoas drogadas, pessoas não tem mais amor pelo outro, isso tudo é por causa disso, por falta do Batismo Indígena pois, ele é o que nos protege dos espíritos maus*”. (MEDINA, entrevista concedida ao autor, 2022)

Para a Dona Cerça Medina, essa adesão ao mundo das drogas e da cachaça pelos jovens Guarani não é por acaso, pois é consequência da falta do ritual *Ñemongarai*, (*esse termo está relacionado ao batismo que em Guarani se traduz em nesse termo*) que os isentam das pragas dos espíritos maus que espreitam as andanças dos jovens. Por vezes, são espíritos dos entes queridos que já se foram e que, segundo ela, ainda buscam ter uma conexão com os familiares. Porém, como isso não é mais possível, acabam por fazer mal às pessoas.

Saliento aqui a fala da dona Cerça que também demonstra a importância do Batismo. Após ser batizado e ter recebido o nome ‘*Téra Ka’aguy*’ (nome indígena) não se pode mais ter nenhum tipo de insegurança ou medo, pois a conexão do indivíduo com **Tupã** (esse termo os Guarani utilizam para se referir aos seus Deus, mas que requer uma pesquisa mais aprofundada sobre esse termo, vistos que esse termo pode ser uma palavra criada pelos Jesuítas, mas que todos os rezadores Guarani sempre utilizam esse termo,

embora eles a designam de outra forma também) já existe de fato. A criança vive como se recebesse um código que somente ela tem, que é distinto do código das outras pessoas. Isso pode ser notado através dos dons e habilidades de cada pessoa ao realizar seus afazeres etc. (MORALES, 2021).

Outro elemento que voltamos a salientar é que o ritual do *Ñemongaraí* ocorre na frente dum lugar que é extremamente respeitado e venerado pelos Guarani, designado por eles de “*TATAINDY’Y*”. Como é o local do ritual no qual a reza é proferida pelo rezador e rezadora para a transcendência, então diria, usando mais uma vez a terminologia cristã, que o *Tataindy’i* é uma espécie de altar. Feito de madeira de cedro, é adereçado com pena de louro e consagrado ou batizado pelos rezadores. E, desta forma, os Guarani têm esse espaço como algo de extrema importância, por ser um lugar sagrado: “*não é qualquer um que pode passar ou cruzar o ‘tataindy’y’, porque, o perigo é algo de ruim acontecer a qualquer um que desrespeitar, porque o espírito espreitador do próprio rezador estiver presente em nesse lugar, pode te fazer mal*” (MEDINA, entrevista concedidas ao autor, 2023).

Portanto segundo ela, somente os rezadores podem a qualquer momento chegar nesse lugar e manter o contato direto com o santuário, que foi escolhido pelo próprio rezador para tal incumbência e pela própria transcendência. O cedro está sempre presente nesse lugar, pois é tido pelos Guarani como a planta dos deuses, pois os seus galhos são usados para fazer o santuário e as suas folhas são usados para passar na cabeça de um bebê recém-nascido para assim livrar dos espíritos maus que espreitam e que tiram o sossego das crianças. Porém, como diz dona Luciana Oliveira: “*hoje em dia, as crianças que nascem, vem na Terra só para conhecer e se gostar ele fica, ou seja a alma, caso contrário, ele volta para o lugar de onde ele vem... para as almas novas, a Terra fede*”. (OLIVEIRA, entrevista concedida ao autor, 2023)

Quando os pais recorrem a um rezador, ele sempre os orienta para preparar chá de folha de cedro para passar na cabeça da criança e simultaneamente realizar o benzimento, invocando para que a alma nova fique na Terra. Quando se fala sobre essas questões com os mais velhos, eles sempre falam que as almas novas são incomodadas pelos espíritos perversos, aqueles espíritos que não foram aceitos pela transcendência e que ficam vagando pela Terra transtornando as almas vivas, como se fossem buscar um vínculo com os parentes. Isso é corriqueiro para os Guarani, de modo que as pessoas de mais de idade sempre orientam os mais novos, quando há criança pequena,

principalmente menino, a utilizar e queimar as folhas de erva ao pôr-do-sol, mostrando para os seres de outra dimensão que essa criança tem sua família e que eles não aceitam a sua presença.

Esses rituais são muito importantes para os Guarani. Por meio deles pode-se garantir a sua sobrevivência e os seus vínculos com a transcendência, algo que hoje em dia parece fenecer na maioria dos Tekoha dos Guarani. Vejo que a procura do batismo está intensa na Pirajuí e os próprios membros da reserva percebem que ele está fazendo falta.

A reza é o ritual que se executa como forma de invocar a presença da transcendência Guarani na frente do santuário. A casa de reza (*ogapysy*) seria o lugar de encontro dos Guarani e ao mesmo tempo o espaço por excelência para realizar o ritual de encontro com Tupã para apresentar os desejos e pedidos para ele, por meio do rezador ou rezadora.

O canto, por sua vez, podemos dizer que ele acompanha tanto a reza como a própria dança que ocorre por meio do “*kotyhu*”, que é uma forma de cântico acompanhado de coreografia. São os *yvyra'ija* que os conduzem, por incumbência, segundo Felicita Vera (VERA, entrevista concedida para o autor, 2022).

A dança acompanha a reza; o canto é a própria dança. Ela é utilizada no decorrer desses procedimentos. Já, no benzimento, a sua utilização não ocorre, somente a reza e o canto, mas muitos rezadores Guarani têm a sua forma de realizar o benzimento e a reza que, em muitas ocasiões, é diferenciado.

O benzimento, por sua vez, tem a sua distinção, ele pode ocorrer em qualquer lugar, por exemplo, para a manobra do coalho virado, e para o rezador diagnosticar algumas enfermidades, tanto as físicas como as espirituais.

Importância da reza, da dança e do canto para os Guarani da Pirajuí

Nesse tópico trago um debate sobre a importância dada para a reza, a dança e o canto na reserva Pirajuí. De imediato, tenho de dizer que o tema é bastante complexo, pois há um número bastante expressivo de pessoas que consideram ainda a sua importância e por outro lado há também muitos que consideram que essas expressões não passam de elementos culturais de menor importância. Saliento que a Reserva, na

atualidade, é cheia de instituições opostas ao tradicional modo de ser Guarani. Para dar conta desse debate, trago a avaliação dos moradores antigos da Reserva e de algumas pessoas que se consideram evangélicas.

Na cosmologia dos Guarani Nãndeva, o canto-dança, composto por rezas, coreografias e cantos, são os principais elementos na vida deles. Concluímos que a espiritualidade tradicional Guarani é milenar e que esses três elementos são a composição exata da religião Guarani. Embora a reza, na cosmologia ocidental, possua outras conotações, na língua Guarani ela se resume na palavra “*JEROKY*”, ou seja, é a forma de conexão com a transcendência, de manter o vínculo com o além. Temos de salientar que muitos intelectuais podem pensar que os Guarani são grupos politeístas, mas, na concepção da MEDINA,

para nós Guarani, todos e todas possuem seu ‘JARA’, desde as plantas até os humanos, assim como as suas origens, acreditamos que o nosso ‘TUPÃ’ é a nossa origem ‘YPYRU’, o nosso primeiro, da mesma forma também as plantas, os animais menores até os maiores. (MEDINA, entrevista concedido ao autor, 2023).

Assim, na concepção dos Guarani, o *JEROKY*, seria a principal tradução da religião Guarani. Com relação à fala de MEDINA, sobre as origens das coisas, todas elas estão na mesma transcendência dos “*JARA, GUARANI*”, por exemplo, a ema “*Nandu guassú*” (em português se traduz como Ema) Deus a colocou no céu, porque ela estava na terra e comia gente como se fosse grão de milho. Daí a importância de os humanos aplacar os comportamentos dos entes espirituais com os rituais corretos.

Mais do que politeístas, talvez a religião Guarani tradicional tenha traços de animismo, pois os Guarani respeitam muito tudo que é da natureza, pois sabem que eles também têm os seus protetores e, por isso, a veneram muito. Antigamente e até recentemente, os Guarani, quando querem extrair algo da natureza, o fazem pedindo autorização através do benzimento, como se não quisessem machucar a própria natureza e nem a própria Terra, porque elas têm alma e tem o mesmo sentimento que a humanidade, porém dentro da essência dela (MEDINA, entrevista concedida para o autor, 2023).

Para entendermos melhor sobre esses temas, indaguei várias pessoas da reserva Pirajuí, buscando os relatos dos moradores de mais idade da reserva. Todos eles afirmaram que antes da chegada dos missionários no Tekoha Pirajuí os rituais ocorriam com frequência, como o “*JEROKY*”, o batismo das crianças e o “*jeroky puku*”. Para os mais velhos, num Tekoha onde ocorrem os rituais, as pessoas se mantêm protegidas de

tudo que possa redundar em resultado negativo para a comunidade, e isso ocorria até recentemente, pois os Guarani demonstravam bastante reverência e mantinham com seriedade o vínculo com a reza. Na verdade, todos sabiam do perigo que corriam caso o jeroky não ocorresse com frequência, que isso iria causar transtornos sérios no Tekoha. A realização frequente da reza tem os seus benefícios: *“a nossa reza é a coisa mais importante, porque o nosso viver está garantido por meio dela, a nossa alma depende dela e através dela a gente mantém a Terra viva, porém se um dia a gente não rezar mais, pode-se dizer que nós morremos e a Terra também.”* (MEDINA, entrevista concedido ao autor, 2023).

Para os Guarani, a reza depende do rezador ou rezadora. Nesse sentido, ele (a) é o guardião (ã) da reza e do povo a que ela pertence. O rezador é o responsável por guiar o seu povo, no sentido de ser o mensageiro que vai orientar na prevenção aos malefícios. Além disso, ele exerce um papel fundamental de prognosticar, por exemplo, quando os homens se ausentam para caçar, para pescar e principalmente. A época de plantação é o (a) rezador (a) quem determina. Mas todos esses prognósticos são descobertos por meio da reza que ele vai realizar todas as vezes que é avisado por meio do sonho ou durante a própria reza. Em síntese o rezador que os Guarani designam de *“OJEROKYKA’AGUYVA, OPORAEIVA OU OJEROKYMIVA”*, é a principal liderança espiritual da qual a sociedade Guarani depende, principalmente da mensagem dos seres do plano não material que ele traduz, pois ele é a pessoa que guia o seu grupo tanto nos assuntos humanos quanto espiritualmente.

E precisamos também entender que um rezador Guarani não é uma pessoa qualquer, ou seja, ele é alguém especialmente escolhido para tal. Porém, ele é escolhido diretamente pela própria transcendência, necessitando, além dessa escolha, do reconhecimento de seu grupo. Quanto à escolha, a fala da dona MEDINA é bem direta: *“ela pode ocorrer sobre qualquer um, mas primeiro essa pessoa adoece ou lhe acontece qualquer outro tipo de coisas e... quando é assim, precisa se recorrer ao rezador, que ele já sabe do que se trata”*. (MEDINA, entrevista concedida para o autor, 2023)

Na língua Guarani há a expressão *“OÑEMONDE”*, que significa uma forma de assentar ou se assentar sobre o indivíduo escolhido. O espírito da reza receberia assento sobre o rezador e ele o carregaria até o último momento de sua vida. E é aqui que é possível de se perceber a reza Guarani pode ocorrer ainda em sua essência, pois ela não é um elemento que passa de pessoa para pessoa, ela vem da própria transcendência. Mas,

o fato é que se precisa de uma pessoa adequada que se enquadre nessa incumbência, que possua boas condutas e seja humilde para que seja reconhecida como tal.

Muitas vezes se pensa que o auxiliar do rezador é aquele que vai ocupar o seu posto futuramente, mas no caso dos Guarani isso não funciona dessa maneira. Para ser rezador, passa-se por processos diferentes se comparado com o que é necessário para ser ajudante. O auxiliar, em Guarani “*YVYRA’IJA*”, é o braço direito do rezador(a). Ele é um ajudante fiel. Na maioria das vezes é o próprio rezador quem escolhe o seu ‘*yvyra’ija*’, ajudado pela transcendência, pois *TUPÃ* possui no céu o seu ajudante, que é o “*ara verã*”, o raio e o trovão. É o próprio rezador que repassa o espírito da reza para o seu auxiliar, como confirma MEDINA. Por isso, pode acontecer que o auxiliar vire o novo rezador. Muitas vezes o rezador tem um mecanismo próprio para a escolha do seu sucessor. Quando adoece é quando o rezador o examina e o informa que ele será o futuro rezador ou rezadora, mas na maioria das vezes o rezador é escolhido pela própria transcendência: “*os Guarani, em sua maioria o próprio ‘JARA OÑEMONDE, ou OMONDE’ sobre um indivíduo que vai ser o rezador daquela comunidade*” (VERA, entrevista concedida para o autor, 2022).

É dessa forma que os Guarani têm os seus rezadores e rezadoras e eles têm muitas funções, enquanto líderes religiosos. Por isso, outra característica do rezador Guarani é de ter um espírito alerta para se prevenir dos imitadores, para assim não permitir que um rezador paralelo engane o seu povo. Segundo os meus interlocutores, no caso de um rezador adentrar no território de outro rezador, os rezadores se provocam através dos espíritos para provarem se são rezadores verdadeiros ou não. Se perceberem que eles estão sendo afetados, eles anunciam-se um para outro, demonstrando que são verdadeiros. Caso contrário, podem chegar a óbito. No caso dos falsos rezadores, somente eles mesmos que podem subtrair aquilo que fixaram sobre os outros, principalmente o mal que realizaram. Os Guarani chamam de “*rembijokuai*” o tipo de espírito que eles têm como seu auxiliar nessa incumbência. É comum esse “*rembijokuai*” se espreitar no interior da reza, dos batismos e dos cantos. Ou seja, todos os Guarani tem esse ser espiritual como seu auxiliar, além dos “*yvyra’ija*”.

A reza é o que mantém a vida dos Guarani e é ela que sustenta a Terra. Por essa razão, os indígenas, na sua maioria, se preocupam tanto com a sua preservação. Outro elemento relacionado a isso é que os indígenas em geral não olham para a Terra com o pensamento economicista do ocidente. E quando se trata da questão espiritual, a Terra é

sustentada pela reza dos indígenas. Isso fica evidente quando se pensa que é o Guarani que mantém a terra viva e ativa, como afirma Medina.

a reza é uma forma de os Guarani manter o laço com a transcendência, pois somente a partir da transcendência se obtém conhecimentos, sobre o que vai acontecer no futuro e é ele que vai nos dizer através do rezador, aquilo que nós vamos precisar fazer (MEDINA, entrevista concedida ao autor, 2023).

Para muitos Guarani, na atualidade, a nossa mãe que é a Terra está sendo desrespeitada, principalmente pelos ‘karai’, os quais não demonstram preocupação com ela. Por isso, para os Guarani de mais idade, é preciso realizar as rezas para que os Guarani não acabem pagando também pelos atos dos outros. Hoje em dia isso é comum nas palavras do Guarani, porque percebem que a natureza está de certo modo se manifestando por causa dos atos dos outros.

Para os moradores da Pirajuí, a reza é também importante porque o lugar é uma reserva que precisa passar pelo processo de amenizar a ação dos maus espíritos, que em Guarani chamam de “*ipiro’y*”. De modo genérico, por ser reserva, ela não é um lugar onde se possa executar o pleno modo Guarani de ser, uma vez que é composta por vários tipos de famílias e os modos de vida são miscigenados e fragmentados. O motivo disso é que muitas famílias se separaram e outras vieram de outras localidades.

E, por outro lado, a reza é importante, pensando nas pessoas Guarani, para que elas continuem executando aquilo que vai ser importante para a vida e para a sua sobrevivência. Isso é explicado porque a reza e o batismo servem para isso, para manter vivos os Guarani e para garantir a vida deles. Assim pensam os mais velhos (as) Guarani, pois muitos traços culturais não podem se perder. Entretanto, na visão dos Guarani antigos muitas coisas anormais já estão sendo comum entre os Guarani na Pirajuí, mas eles entendem que o empecilho principal é o fato do lugar ser uma reserva.

Como ocorrem os rituais dos Guarani?

A reza, o canto e a dança são rituais que eram constantemente realizados pelos Guarani. *Esses rituais geralmente ocorrem por iniciativa do rezador Guarani, geralmente para pedir algo ou na realização dos batismos ou outros momentos da sua espiritualidade, quando a transcendência se manifesta ao “ojerokymiva” (MORALES, 2021), através do sonho e através das visões, avisando que vai ser preciso a realização do*

Jeroky. Nesse momento, é ele quem vai dizer se vai precisar realizar a reza ou o benzimento.

E esse aviso da transcendência pode acontecer de forma geral, pode estar relacionado a fatos que vão impactar um determinado Tekoha, ou as pessoas daquele tekoha, ou pode ser algo que pode atingir a colheita. Por isso, geralmente uma comunidade faz o *Jeroky* após a plantação para pedir abundância na colheita ou para agradecer os frutos, no pós-colheita. Ele é feito na realização do batismo, no benzimento ou até mesmo na escolha de um futuro rezador.

Então, o rezador determinará o dia e o tempo que a reza vai demandar e o motivo pelo qual se realizará. A reza sempre tem o seu motivo, e o ritual dos Guarani sempre ocorre na frente do “*TATAINDY’Y*”, como já tratamos acima. Os Guarani demonstram ter maior reverência a ele por ser um espaço sagrado.

A reza começa da seguinte forma: os homens se posicionam na frente do santuário, em fileira, com seus instrumentos chamados ‘*maracá*’, com os quais vão executar o som, acompanhando o rezador e o(s) seu(s) ‘*yvyra’ija*’ (MORALES, 2021) Atrás ficam as mulheres que vão executar o som do Takuá, instrumento feito de bambu amarelo. Em outra parte deixa-se um espaço para as crianças fazerem o “*syryry*” que é um tipo de coreografia indo para a esquerda e para a direita ou vice-versa. Estes seriam os ritos que acontecem no decorrer da reza, segundo percebi e confirmaram os meus interlocutores.

O rezador, além de coordenar a reza, toma uma série de cuidados com relação ao acompanhamento dos homens que vão tocar o maracá, instrumento musical composto por uma cabaça e com objetos em seu interior e que é também consagrado. Por isso, antes de iniciar a reza, o rezador analisa cada indivíduo que está ali em pé, tanto física quanto espiritualmente. É como se ele o olhasse com o olhar dos deuses para não ser atrapalhado durante a execução do ritual e para que não fique sujeito a correr risco de ser atrapalhado por alguns espíritos perversos que ficam na espreita para isso. Feita essa análise, o rezador começa o ritual até alcançar uma resposta que seja favorável aos motivos pelos quais se reza naquele momento. A resposta depende também da ação de seus “*yvyra’ija*”.

No decorrer da reza, o rezador Guarani sempre mantém informado os que estão ali, acompanhando-o. É como se fosse a toda hora interromper a sua reza e falar com os seus auxiliares e com todos que estão presentes nesse ritual. Em muitas ocasiões, eles

treinam os homens para situações de guerra, no chamado *sambo*. Nessa dança, muito parecida com a capoeira africana, é como se estivessem treinando o desvio das armas, utilizando o rezador o maracá como se fosse uma arma ou um objeto que ameace a integridade física dos dançarinos. Geralmente quem sempre executa o *sambo* são os “*yvyra’ija*” como forma de treinar os seus irmãos. Mas, a todo o momento ele para e começa a falar como se estivesse repassando as mensagens do além, como afirma uma interlocutora. (VERA, entrevista concedidas ao autor, 2022)

Os motivos pelos quais são realizadas as rezas são os mais diversos. Pode ser para evitar qualquer epidemia, ou para mandar embora os espíritos perversos que estão querendo passar por determinado *tekoha*. É como se ela servisse mais para prevenção e para pedir algo que os Guarani almejam. Já o canto, ele é utilizado no *kotyhu* e acompanha a reza também, mas ele não ocorre em qualquer lugar. A reza está muito ligada ao *tataindy’y e* à casa de reza. Já o “*jehecha*”, o benzimento, ele pode ocorrer em qualquer lugar, desde que não seja uma ação comprometedora para o rezador ou rezadora. Ele sempre ocorre para trazer de volta as almas que estão em desencontro com um corpo, isso geralmente ocorre com as crianças, como já falamos acima.

Os rezadores, para evitar que essas coisas negativas aconteçam, sempre orientam as pessoas. Porém nem sempre isso é plenamente evitável, pois o mal pode acontecer até com os adultos, como no caso de uma pessoa se encontrar com espíritos perversos ou espreitadores ou até mesmo com espíritos dos entes queridos que acabam fazendo mal para ela. Nesses momentos, o rezador vai fazer os seus benzimentos para poder afastá-los. Caso a situação seja grave, ele pedirá para realizar um *jeroky* a fim de solicitar a Tupã para subtrair ou mandar o espírito embora. A reza acontece com frequência no caso do coalho virado, por exemplo, quando não há tanta restrição na sua administração.

A reza dos Guarani é muito dinâmica e rápida. Os Guarani a chamam de “*oporaei*” e ela tem uma característica de possuir passos bem rápidos, além dos cantos serem bem longos “*poraei puku*”. Alegam eles que só cantam aquilo que for cantado para eles através dos sonhos e das visões. E eles executam o mesmo cântico que a própria transcendência repassou nesses momentos.

Os rezadores buscam ver quem são as pessoas que estão ali, se são Guarani e batizados. Alguns dos rezadores exigem dos que forem executar o maracá que sejam

pessoas batizadas, que possuam nomes indígenas, senão eles não permitem a sua participação no ritual. Por serem batizadas, as pessoas transmitem mais força para ele. Caso contrário, podem atrapalhá-lo, porque uma pessoa qualquer, como já disse antes, não pode passar pela frente do santuário, sob pena de correr o risco de sofrer algo ruim.

Muitas vezes as rezas acontecem para amenizar o espírito do próprio Tekoha, como ocorre na reserva Pirajuí. Por ser uma reserva, e reserva não possui um significado positivo, para muitos rezadores o lugar precisa passar constantemente pela reza no sentido de expulsar os espíritos que incomodam os jovens e as crianças, principalmente.

Geralmente após a reza, todos os que se consideram Guarani sempre pedem para o rezador consultá-los espiritualmente para que estabeleça um prognóstico do seu futuro, de como vai ser a semana, se o indivíduo vai precisar cuidar-se mais, se vai ter sorte quando sai para caçar e pescar ou em outras atividades ou o contrário, se ele pode ou não sair de casa, ou se alguma enfermidade o espera. E para o mal não chegar a acontecer, o rezador vai subtrair o mal no mesmo instante, livrando a pessoa das doenças ou reforçando a sorte, se assim for a sua previsão.

Por tudo o que dissemos até aqui é que percebemos que quando a reza ocorre constantemente não há o que os Guarani possam temer, porque o próprio rezador já prevê e os avisa de tudo. Mas, atualmente, isso está fora da nossa realidade, e nesse caso estamos sofrendo pela sua falta:

quando não se realiza mais a reza, estamos sujeitos a tudo... porque não tem mais ninguém que vai nos avisar do nosso amanhã, se vou ficar doente, se vou ser picado pela cobra ou se alguém for pescar se vai pegar peixe ou na caça se vai ter sorte ou não...e como se o medo de amanhã nos tomasse conta (VERA, entrevista concedida para o autor, 2022).

Para a anciã, os Guarani de hoje são como um cão sem dono, sem um rezador. Mas muito da espiritualidade ainda está presente, pois quando há muitas trovoadas na Pirajuí, os Guarani queimam ervas e outras pessoas que têm o maracá o tocam, afirmando que assim se livram do mau tempo. Mas isso seria apenas traços que ainda se perpetuam acerca do ser dos Guarani. Mas são elementos sobre os quais ainda precisamos realizar mais pesquisas para podermos entendê-los melhor, pois nos arriscamos em dizer que elas também estão relacionadas à reza.

CAPÍTULO IV - A RELIGIÃO E O ENSINO TRADICIONAL NO CONTEXTO ATUAL DA PIRAJUÍ

Na Pirajuí, até em meados de 2000, acontecia com frequência o “*JEROKY*”, como já havíamos falado no decorrer do nosso trabalho, mas após isso passou a ocorrer de forma esporádica. Com o passar do tempo, a prática foi aos poucos perdendo a força e o espaço, entretanto. O principal causador disso foi a entrada de instituições contrárias ao modo de vida dos Guarani, ligadas ao modo de vida dos brancos - ‘*karai reko*’ – e a sua religião.

Segundo os indígenas Guarani mais velhos, geralmente antes de se ausentar de suas casas para a realização de qualquer tarefa, fosse homem, mulher ou criança, os pais iniciavam o dia com uma prece e davam-lhes conselhos para que eles não se perdessem

ou fizessem coisas erradas. Nesses momentos eles repassavam a maneira de como teriam que se comportar e viver, indicando quais caminhos deviam seguir, demonstrando reverência uns pelos outros e principalmente pelos mais velhos. Entretanto, isso já está se tornando raro na Pirajuí. Para dar conta de analisar essa situação, detalho, através da visão dos meus interlocutores e da minha própria experiência, a percepção dos Guarani da Reserva Pirajuí sobre esse fenômeno.

O principal fator indicado como causa do esfriamento da vivência tradicional está na ação das religiões convencionais que adentraram na reserva desde 1964 com a Missão alemã. Outro momento importante no ingresso de igrejas cristãs no interior da reserva é o ano de 2000, quando as Igrejas Neopentecostais chegaram com muita força na terra indígena, fazendo campanhas abertas para que os indígenas Guarani abandonassem a sua religião tradicional e se convertessem ao Cristianismo.

Ressalto que é preciso uma indagação profunda sobre a religião cristã entre os Guarani, ou seja, como se relaciona com os valores das elites sociais, como diz Bezerra (2011). Para ela, os proselitistas sempre estão buscando a destruição das religiões consideradas como inferiores ou daquelas que se opõem ao convencional. No tratamento às religiões indígenas em geral, esse tipo de religião busca isolar os conhecimentos essenciais que os indígenas julgam importantes para a sua sobrevivência. Hoje em dia é perceptível que para muitos dos patrícios os rituais tradicionais já não fazem mais sentido, embora continuem guardados na memória de muitos deles. Ora, se estão adormecidos, um dia podem ser acordados!

Os meus interlocutores afirmam que os rezadores percebem o desinteresse da comunidade com relação à religião Guarani e acabam, por isso, se isolando junto com seus conhecimentos. Isso teria acontecido desde que perceberam a valorização constante dos novos conhecimentos e vivências da religião ocidental em detrimento das práticas religiosas tradicionais. Esse fenômeno vai se tornando cada vez mais crítico quando a aderência dos Guarani ao Pentecostalismo vai se tornando massivo, aumentando gradativamente o número dos membros dessas igrejas. Os Guarani aderem com facilidade a essa nova cosmologia e, desta forma, intensifica-se a depreciação com relação aos rituais, à reza, aos canto-dança e mesmo ao mestre tradicional.

As estratégias demonizadoras da religião tradicional que os evangélicos trouxeram e praticam com os indígenas acabaram convencendo os Guarani de que essas

instituições são melhores do que as práticas tradicionais. Essas igrejas se apresentam como a única opção para os indígenas com relação à vida e a sua sobrevivência. Como estratégia primeira de convencimento, essas Igrejas ajudavam os seus integrantes doando-lhes roupas, alimentos, remédios, ao mesmo tempo que pregavam constantemente que todas as almas precisam de salvação e que existe um inferno, local onde estariam os mortos, que se não aceitassem o que a Bíblia diz e o que elas pregam receberiam a danação eterna. Em outras palavras, utilizam o medo como recurso pedagógico assim como fizeram a maiorias das missões religiosas ao longo da história, iniciando-se com os jesuítas no período colonial. Um tal modo de perceber a vida isto está bastante impregnado nas pessoas que se tornam seus integrantes. É como se o medo lhes tomasse conta. Uma das minhas interlocutoras, pensando sobre a temática, assim se manifesta:

as igrejas que se adentraram no nosso meio trazendo as contradições para a nossa comunidade, pessoas se acham superior a outra, a reciprocidade acabou, o espírito do bem viver se cessou. Muitos pensam que, só porque entraram como crente, eles se acham superior a outro indivíduo, Guarani, sem saber, está se separando dos seus patrícios. (ROMERO, entrevista concedido ao autor, 2023)

Para ela, essas instituições só evocam espíritos de perversidade e criam desentendimento entre os Guarani, trazendo dessa forma ao nosso Tekoha o '*piro 'ye 'y*'. É como se tivesse adentrado na Pirajuí uma divergência espiritual, na palavra dela, uma guerra espiritual no sentido de choque do modo de viver dos Guarani com a dos brancos. Para ela, a religião dos brancos sempre busca se sobrepor à dos Guarani. Para resolver o problema, ela pensa que o Tekoha Pirajuí precisaria de um intenso '*jeroky*' a fim de exorcizar o espírito maléfico instalado no lugar.

Para ROMERO, o modo de viver indígena está sendo convertido em um outro novo saber, principalmente após a entrada desses novos conhecimentos, por serem totalmente distintos dos saberes ancestrais. E como as próprias igrejas não se entendem entre si devido às diferenças doutrinárias que possuem, umas querem se sobrepor às outras e isso gera muitas divergências entre as famílias dentro da reserva. Para ela, para que o tekoha volte a ter novamente o espírito amenizado "*IPIRO'Y*", ou seja, volte a ser tekoha de fato, onde os indivíduos Guarani possuam paz interior, sossego espiritual e vínculo harmonioso com o próprio tekoha (território), é necessário retomar a reza tradicional (ROMERO, entrevista concedido ao autor, 2023).

Na concepção do ROMERO, as novas instituições religiosas não apresentam coisas pertinentes ou oportunas, e somente trouxeram a segregação dos Guarani dos seus próprios modos de vida e dos seus próprios líderes religiosos, e isso causa desentendimentos. Com isso, muitos Guarani acabam rebaixando o seu modo de ser e se rebaixando perante os outros conhecimentos. Por exemplo, o espírito de reciprocidade é um dos aspectos afetados. Antigamente ele era visível e se percebia facilmente nas famílias, porém hoje em dia a sua prática é tida como anormal no meio dos Guarani, pois ele não está sendo mais vivido. Segundo muitos dos meus interlocutores, o egocentrismo está cada vez mais forte atualmente no Tekoha Pirajuí, de modo que o espírito de coletividade se torna cada vez mais raro. Tanto a reciprocidade quanto o espírito de coletividade que se percebia em muitas famílias antigamente, hoje em dia se encontra somente na memória das pessoas de mais idade. Assim como afirma MEDINA, *“hoje em dia, raramente se vê pessoas dividindo algo, nem ao menos se demonstra a reverência um pelo outro”* (MEDINA, entrevista concedida ao autor, 2023-A)

Ela afirma que antigamente, quando havia visitas entre eles, sempre se oferecia algo como dádiva entre as pessoas, podendo ser o produto das roças e das caçadas, como forma de mostrar que se tinha afeto uns pelos outros. E constantemente, nesses momentos, eram realizadas preleções para os parentes mais jovens, como se fossem preces para o futuro deles, ou seja, eles repassavam as experiências já vividas pelos mais velhos. Esse elemento é parte, sem dúvida do espírito de reciprocidade, o qual é uma forma de mostrar apreço e cuidado aos que são da família e da mesma comunidade. Na mesma linha, demonstrava-se reverência pelas pessoas de mais idade, pois com elas eram aprendidas várias coisas que podiam lhes servir para a vida.

O destaque para a noção de reverência dado pela fala de nossos interlocutores demonstra que esse elemento é uma das características do modo de viver dos Guaranis. A perda dessa reverência tem também relação direta com a ação das igrejas, pois as instituições evangélicas vêm pregando que o que é mais importante é seguir o conselho dos Pastores ou dos irmãos das Igrejas e não dos rezadores, porque para essas instituições o que é da cultura Guarani não tem importância alguma. Esse conselho vem sendo valorizado pelos Guarani e, desta forma, eles acabam por não demonstrar mais interesse pela reza, pelo canto e pela dança. Isso acaba desmotivando-os, redundando no enfraquecimento das vivências coletivas. Com relação a isso, assim se manifesta Otoniel Ricardo:

o enfraquecimento do 'jeroke' devido a causa da entrada das igrejas de fora no meio dos Guarani acaba no enfraquecimento do modo de viver dos GUARANI, ou seja, acaba se reverenciando mais algo de fora, isto podemos notar, usando como exemplo as nossas roças tradicionais. (RICARDO, entrevista concedida ao autor, 2023)

Para Otoniel Ricardo, a principal causa do enfraquecimento da religião tradicional é a forte presença das instituições vindas de fora, que a cercam e, aos poucos, a vai sufocando, como de resto a todo o nosso modo tradicional de ser. Mas, para ele, o principal impacto disso está no abandono dos conhecimentos relacionados à plantação tradicional por muitos Guarani. Para ele, apesar disso, há resistência, pois em muitos lugares ainda se mantém ativamente os saberes quanto ao modo peculiar dos Guarani de cultivar no tempo certo o milho, o amendoim, o feijão e outras culturas. Os Guarani ainda consideram muito o tempo da lua para executar as suas plantações e a direção do vento. O batismo das sementes, contudo, está cada vez mais raro.

Por isso, toda as peculiaridades agrícolas dos Guarani correm risco de se perder porque o modelo de plantação dos brancos está ganhando preferência nos dias de hoje dentro do Território da Pirajuí, sendo mais venerado pelos indígenas do que suas práticas antigas. Para eles, as práticas karai de cultivo se mostram como mais rápidas e eficazes para obter lucro. Nesse sentido, o pensamento do branco toma o espaço da tradicionalidade relacionada às plantações. Por exemplo, atualmente muitos dos indígenas almejam plantar soja e milho e até mesmo emprestar ou arrendar suas terras para os fazendeiros, sendo que o território da Pirajuí deve ser para o usufruto dos indígenas que moram nesse tekoha, segundo a Constituição Federal de 1988, mas o pensamento dos brancos está sendo adotado pelos Guarani e a autonomia sobre suas terras corre grande risco.

Desde início da colonização foi almejado pelos brancos que os indígenas tivessem os pensamentos acima caracterizados e isso, como bem sabemos, faz parte do espírito mesmo do colonialismo e da colonialidade. Apesar da resistência histórica demonstrada ao longo dos séculos a essa forma de ver o mundo, não se pode negar os impactos sofridos e reproduzidos pelos próprios Guarani. Isso tem levado à renúncia de várias práticas tradicionais, e as formas de plantar é uma delas. E isso não acontece somente na questão da plantação, mas os Guarani querem partir para a utilização dos agrotóxicos que os brancos põem em suas lavouras, pensando que dessa forma aumentariam os lucros e diminuiriam o esforço físico na manutenção de suas plantações.

Portanto, até nessa questão corremos o risco de perder a nossa cosmologia e as nossas técnicas tradicionais de produção da vida. A preocupação principal, nesse caso é com a subsistência fácil, pois todos precisamos e todos nós temos as nossas necessidades, e em virtude disso acabamos muitas vezes cedendo a essa forma de cultivo, deixando-nos levar pelo modo de ser dos brancos de adentrarmos na mentalidade capitalista. Mas, de fato isso era o que foi proposto por eles, desde a colonização, de nós nos tornarmos pessoas como eles. Inclusive, vimos recentemente no discurso do ex-presidente da República Jair Bolsonaro que os indígenas querem se tornar como o homem do ocidente. De certa forma, de fato, alguns Guarani têm essa mentalidade, a qual foi inculcada desde o período colonial. Muitos já não se pensam mais enquanto Guarani, que são produzidos pela coletividade e que são parte dela, dedicando-se a buscar formas de satisfazer os seus individualismos, e isso aos poucos vem se fixando na Pirajuí.

E atualmente isto impacta bastante o próprio tekoha Pirajuí. Com a entrada das instituições contrárias à tradicionalidade dentro da reserva, criou-se o clima perfeito para o enfraquecimento do teko Guarani, chegando-se ao ponto de os próprio Guarani pensarem que a religião tradicional é uma forma de perversidade que conduz o povo ao abismo e à distância do progresso, tal como preconiza a nefasta teologia da prosperidade pregada e vivida por inúmeras igrejas pentecostais. Por isso é que, na reserva Pirajuí, o ritual do jero ky ocorre de forma tímida, pois a maioria das pessoas se sente desmotivada ou sem interesse em participar dele.

Por outro lado, é de se alimentar a esperança de reversão desse nefasto quadro, pois, aos poucos, percebo muitos dos jovens acabam fazendo perguntas sobre o modo tradicional de ser, motivados pela ação da escola. Por exemplo, para os Guarani existem espíritos como o '*angue, pombero*' e os jovens se preocupam com eles. Quanto a isso, a explicação das instituições antagonônicas da ancestralidade se fixa na ideia de que são espíritos do mal, do demônio, que andam tentando os não cristãos, por não terem a alma salva pelas igrejas. O mesmo acontece com relação aos conhecimentos dos Guarani na questão dos remédios tradicionais, na questão das plantações tradicionais e no abandono dos saberes como das parteiras por exemplo, não somente na questão da reza, do canto e da dança. Não satisfeitos com tais explicações, muitos jovens estudantes têm auxiliado a que os saberes tradicionais circulem na clandestinidade e, aos poucos, vamos percebendo que podem voltar a ser praticados.

Porém, como esses saberes estão atrelados a rezas e aos benzimentos, há rituais que precisam ser respeitados quando da execução de tais práticas, não se podendo realizá-los de qualquer forma. Por exemplo, pessoas que conhecem o jeito correto de tratar as crianças para aliviá-las do mal do coalho virado já estão se tornando raras na Pirajuí, porque algumas realizam a cura através de massagens e outras com benzimentos. Ambas as formas de tratamento necessitam de conhecimentos e vivências complexas para dar conta da cura. Daí a necessidade de um trabalho urgente com essa juventude no sentido de bem informá-la acerca da seriedade de nossas práticas ancestrais.

Aqui abrimos um parêntese para caracterizar o mal do coalho virado. Essa é uma doença eminentemente guarani, identificada com um tipo de deslocamento acontecido tanto nas pernas como nos braços das crianças, levando a intenso sofrimento que pode ser acompanhado de diarreia. Nesses casos, somente os rezadores ou pessoas que possuam conhecimentos e experiências podem lidar com ela, que acontece somente com as crianças desde quando começam a engatinhar e andar até os 7 anos de idade, como confirma Cerça Medina (MEDINA, 2024, entrevista concedido ao autor). O tratamento da doença requer massagem e o uso de remédios caseiros. De acordo com Medina, o coalho virado é uma doença e ao mesmo tempo um tipo de contusão ou trauma.

De igual gravidade é o fato de que a prática de se fazer benzimentos contra a picada de cobras está em extinção na Pirajuí. Eu só conheço uma pessoa que possui esse saber, que é passado de geração em geração. São nessas questões que as instituições religiosas acabam fazendo os indígenas desacreditar nos conhecimentos Guarani, e isso é muito ruim para nós. Com relação aos remédios tradicionais, a maioria das pessoas que dominavam esses saberes já não estão mais entre nós e os que ainda estão vivos não repassam os conhecimentos para os mais jovens porque percebem neles um grande desinteresse nessas práticas, e isso cria uma barreira quanto ao próprio conhecimento indígena por causa de certos interesses pelos conhecimentos advindos de fora, principalmente aqueles trazidos pela indústria farmacêutica e pelo atendimento na saúde indígena realizada pelo estado brasileiro a partir de um modelo totalmente averso às medicinas chamadas de não convencionais, como é a Guarani.

Quanto a esse assunto, sabemos que há casos de doenças que somente o próprio conhecimento Guarani daria conta, como aquelas ligadas ao espírito. Junto disso, por deixar de lado a utilização dos remédios tradicionais, hoje em dia aumentam as doenças crônicas na reserva de Pirajuí, como pressão alta, colesterol e diabetes. Também há

doenças como pedra na vesícula, câncer, algo que era incomum na Pirajuí até a bem pouco tempo e que hoje são frequentes, fruto da mudança de hábitos, principalmente o alimentar.

Com relação aos remédios tradicionais, a maioria dos jovens e até adultos de certa idade já não tem mais conhecimentos sobre eles. Por isso, por causa do desconhecimento acabam se vendo em um aperto tão grande quando acometidos de doenças fáceis de serem contornadas, assim como nos confirmam os nossos interlocutores. Para eles, a Pirajuí ainda mantém uma diversidade de remédios tradicionais dentro do território, mas é preciso que sejam coletados e catalogados para que o conhecimento sobre eles não se perca.

Como já vimos apontando, a Pirajuí sofre alguns impactos pela falta da realização dos rituais. No geral, a colonialidade vem reforçando os pensamentos dos brancos para que se fixem com mais intensidade na reserva. Por exemplo, a busca constante de valorização da reza, por conta da ação da escola em valorizar o que é tradicional, voltou a ser perceptível nos dias de hoje, mas as instituições religiosas estão constantemente propagando o seu descrédito, pois alegam que a reza já ficou no passado e que ela não tem mais valor como antigamente. E isso leva a que muitos jovens acabem por acreditar que essas coisas de adereços e pinturas são somente para comemorar o dia do Índio, ou o dia dos povos originários como é designado atualmente, e que os rezadores e suas rezas foram se tornando folclore com o passar do tempo. Ou seja, foi fixada uma data específica para reverenciar o passado e essa data é tido como algo que pouco contribui para a valorização da cultura enquanto algo vivo dentro da reserva. O ideal é que ela fosse de fato reverenciada todos os dias e não somente numa data criada pelos karai.

O combate ao uso de adereços tem redundado no esquecimento da sua confecção. Os colares, '*mbo'y*', por exemplo, quase ninguém mais conhece os materiais com os quais ele é confeccionado. E isso acontece pela ação direta realizada pelas igrejas cristãs que constantemente buscam demonstrar que esses traços da cultura fazem parte do mundo perverso do diabo, ou como eles chamam, das coisas profanas que devem ser evitadas.

Os adereços, sabemos, é uma forma de identificar uma etnia e possui uma rica simbologia e remetem a significados cosmológicos. Mesmo quando a escola aborda sobre eles, há resistência por parte de muitos estudantes em participar das atividades ligadas ao

tema, como de resto, de atividades relacionadas aos mestres tradicionais e à cultura ancestral como um todo, por conta da filiação a algumas igrejas mais austeras quanto à doutrina que seguem. A maioria dos estudantes, entretanto, tem interesse em confeccionar esses adereços e demonstra muita habilidade nisso, necessitando-se de oportunidades para dar continuidade nesses traços culturais que são extremamente importantes enquanto identificadores do nosso modo de ser Guarani.

Outro elemento relevante que vemos sendo normalizado dentro da Pirajuí é a utilização recorrente de aparelhos eletrônicos e de celulares que em muitos aspectos acabam atingindo mais o público das crianças. Como consequência disso, muitas crianças acabam sendo educadas pelas redes sociais e tomam contato mais com a língua portuguesa do que com a língua materna. Daí, por exemplo, em vez de pronunciar “y” falam “água” e se acostumam a utilizar essas palavras em português e, com isso, há um evidente enfraquecimento do uso da língua Guarani no cotidiano da reserva. De fato, a perda linguística é um sinal da colonialidade que afeta o mundo simbólico dos povos. Há que se dizer que, quando o acesso aos bens da modernidade não é acompanhado de uma boa política cultural, o que é tradicional tende a ficar em segundo plano em detrimento da apropriação do novo.

Esse exemplo mostra que muitos elementos relacionados ao modo de viver dos Guarani foram impactados pela colonialidade. Porém, muitos deles, por serem considerados de extrema relevância, não podem ser perdidos. Aquelas perdas que ainda podem ser contornadas precisam de ações de resgate, visto que se assim não for feito, o seu contrário impactaria na vida dos Guarani no futuro e colaboraria para a sua extinção física e cultural.

A colonialidade se torna mais aguda para os Guarani nos tempos recentes quando se intensifica a desterritorialização e a reterritorialização com a criação das reservas. Com isso, ela, a colonialidade, se fixa nos Guarani facilmente porque o atual Território não é um espaço apropriado para se executar os modos de vida indígenas por ser um espaço confinado. Nele, a busca constantemente pela sobrevivência a qualquer custo faz com que os Guarani passem a depender do modo de vida ocidental, do *‘karai reko’*.

Outro elemento que precisamos discutir é sobre as práticas da oralidade, por meio das quais as histórias e as narrativas tradicionais circulam. Nelas está presente a

memória que os Guarani guardam dos lugares por onde executavam os seus ‘*oguata*’, os seus caminhares, as suas rezas, o batismo... Tudo isso se mantém ativo na memória dos Guarani e são experiências verbalizadas nas rodas de conversa do tereré e do chimarrão, momentos em que os mais velhos contam suas histórias de vida para as novas gerações. Por isso é que a memória se transforma numa arma forte para a busca dos territórios tradicionais, dos seu ‘*tekoha guassú*’ e dos lugares que mais marcaram na vida deles, ou seja, a memória e a oralidade são formas de os Guarani narrar e construir novas práticas sociais.

Entretanto, para a memória existir ela precisa dos grupos que queiram ouvir, pois, como já dissemos acima, os Guarani sempre se mostram como agentes da oralidade que espalham preces e conselhos a partir do falar, por meio da oralidade. É por ela que narram as suas trajetórias e a origem do mundo vivido no decorrer das suas falas, ou seja, eles narram aquilo que está marcado nas suas memórias. Porém, na sua maioria eles ficam quietos, pois precisam de alguém que queira ouvir. Essas pessoas necessitam de ouvidos para poder contar ou narrar essas memórias que de alguma forma estão entaladas na garganta dos Guarani, pois eles constroem as suas histórias através da oralidade, que na linguagem Guarani traduz-se como ‘*ñemombe’upy ou mandu’are*’, ou seja, das suas memórias.

E nos dias de hoje, esse elemento relevante para os Guarani está sofrendo impactos da colonialidade, sofrendo o chamado de memoricídio, conceito criado pelo Fernando Báez (2010) para expressar as ações de violência simbólica e física feito pelos agentes do ocidente hegemônico com o intuito de apagar e exterminar as memórias dos povos colonizados ou subalternizados e substituí-las pelos pensamentos considerados padrões. Para Báez, a memória é a base da identidade de uma sociedade ou uma nação e por meio dela ela pode contrariar os pensamentos impostas pelo outros, como vem acontecendo com os povos indígenas com relação aos seus territórios tradicionais. Para Báez, “*um povo sem memória é como um homem amnésico: não sabe o que é e nem o que faz é e presa eventual de quem o rodeia. Pode ser manipulado*”. (BAEZ, 2010)

Há esperança no fundo do túnel, pois apesar de toda ação colonizadora sofrida pelos Guarani ao longo dos séculos, suas memórias ancestrais ainda continuam vivas. Esse processo tem de ser estudado na perspectiva da resistência e da conservação da ancestralidade. Se os Guarani de fato tivessem sido totalmente colonizados, eles hoje em dia não manteriam traços do modo de ser. De certo modo, no princípio tentou-se aniquilá-

los fisicamente, mas nos dias de hoje busca-se adentrar nas suas mentalidades por outras vias ou métodos, porém com os mesmos interesses, dominá-los, extinguindo o seu modo de vida, o “avá reko”, e inserindo-os no mercado enquanto peças de um sistema que produz lucro.

Mas não se pode negar que, nos dias atuais, o memoricídio ocorre por meio das Igrejas quando pregam que o ‘teko Guarani’ é do diabo e que isso não pode ser repassado para os filhos, e isso está acontecendo de fato entre os indígenas, principalmente entre aqueles que frequentaram ou frequentam as igrejas cristãs, as quais consideram que os que os indígenas refratários a sua ação estão condenados ao abismo, pois isso seria algo que pode leva-los à perdição, como sugere o uso do termo ‘CONDENADO À MORTE’ que utilizam para se referir a quem resiste a sua prática.

Por meio dessas estratégias, essas instituições buscam colocar outra mentalidade na cabeça dos Guarani, fazendo com que eles se esqueçam paulatinamente das memórias relacionadas ao modo de vida ancestral. Entretanto, ainda é visível a resistências nesse sentido. Por exemplo, nos contos, nas histórias e nas piadas dos Guarani, ainda percebemos que as experiências e as vivências são bastante fortes.

Por outro lado, não se pode culpar o povo pelo seu enfraquecimento. Tem-se de considerar que, com relação aos rituais, hoje em dia muitos deles de fato não são realizados pois a sua continuidade depende da existência de condições objetivas, as quais nem sempre são possíveis de serem encontradas nas reservas. E aí é que reside o dilema, pois diria que não basta que a ancestralidade esteja na memória. Os rituais precisam ser praticados para manter a sua eficácia. Assim, a reza, o batismo, o canto com o passar dos anos vem enfraquecendo mais e mais porque a colonialidade está se renovando com mais intensidade e está suprimindo esses modos de ser dos Guarani, que aos poucos vai se curvando ao ‘karai reko’ que é imensamente antagônico aos conhecimentos indígenas. Isso se torna mais dramático quando várias instituições tentam de toda maneira fazer os indígenas evadirem-se da sua cultura com a falsa promessa de fazê-los evoluir no sentido de viver melhor e conseguir algo relacionado ao sustento da própria família

Portanto, em síntese podemos dizer que aquilo que os indígenas vivenciaram ao longo da sua história somente vem sendo reforçado no presente. O que enfrentaram desde a colonização até nos dias de hoje, no tocante à cristianização e à civilização, tem dado sinais de modificação no modo de ser guarani. Hoje em dia, tem se o intuito de se buscar

aquilo que os europeus sugerem como padrão de vida, ou o que eles consideram como supostamente correto, e isso é enfatizado não somente pela igreja, mas por todo um sistema que vai cercando e forçando a homogeneização cultural. Mas, como vimos analisando, isso só pode ser entendido quando nos debruçamos sobre a longa e trágica história do contato com os colonizadores.

Desde o início, em nome da civilização, trabalhou-se a inserção dos Guarani num modelo econômico e cultural alienígena, para que paulatinamente os povos considerados não civilizados sofresse a sua aculturação por meio da perda de partes da sua cultura, a fim de que se atingisse o que consideravam o ápice da evolução na concepção ocidental, ou seja, o modelo colonial.

E o mesmo, impactaria a diversidade cultural, mas para COHN (2001) os traços culturais e seus elementos não são o que definem uma cultura, assim como o modo de ser de uma sociedade. Disso resulta que há uma fronteira entre as diversas culturas ou modos de ser. Portanto, esses traços estão sujeitos a maleabilidade, pois muitas vezes são flexíveis. Assim sendo, a cultura pode sofrer transformação ou até ser extinta, ou em muitas vezes pode modificar-se. O horizonte que antevemos, entretanto, não nos permite sermos totalmente otimistas na reversão desse quadro se continuar esse espírito predatório da colonialidade, mesmo que saibamos da resiliência dos Guarani em constantemente reconstituir a sua cultura, dentro dos processos de fricção étnica.

Sabedor da força e da potência que a escola possui nas comunidades, apesar do cenário adverso, é possível de pensarmos em processos de resistência duradouros a partir de uma política de memória levada a cabo pela escola de fato diferenciada e voltada para a construção de projetos de futuro para o povo Guarani. Isso daria fôlego às lutas empreendidas pelos movimentos indígenas que atuam há muitos anos nessa direção.

Um dos meios principais que se poderia lançar mão seria o resgate da história e das experiências que os Guarani têm o costume de repassar pela oralidade, assim englobando as memórias que eles vêm construindo no decorrer das suas vivências e que apontam para a resistência indígena (DE SOUZA, SILVA e SPOTTI, 2013). A questão seria como equilibrar a escrita e a oralidade, porque na visão ocidental é preciso que se tenha a escrita, mas os indígenas construíam a sua história por meio da oralidade e da memória. Mas isso pode tranquilamente ser equalizado quando a escola e as demais instituições se alinham aos projetos comunitários. O caminho a ser percorrido não poderia

hierarquizar os saberes assim como acontece na colonialidade, até pelo fato de que, no conhecimento convencional, tudo tem de passar pela escrita para ser validado. (GUESSE, 2011). Pelo contrário, quando as instituições respeitam a cultura tradicional e os detentores do saber sábio indígena, elas acabam ficando sujeitas a uma outra lógica, a lógica da diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser elemento de extrema importância para os Guarani, e isto pode se perceber na própria reserva de Pirajuí, e pela constante procura dos próprios moradores da reserva, salientamos que o primeiro passo para a revitalização da religião Guarani é a sua valorização, ou seja, para que ela volte a ser vivida na reserva, a princípio, nós educadores que defendemos a sua prática, precisamos nos mobilizar para passar e mostrar esse espírito de incentivo para a nossa comunidade.

Com isso, podemos levar adiante essa expectativa de ver a realização dos rituais tradicionais novamente, pois percebemos que boa parte da população tem esse desejo, essa esperança de viver aquilo novamente. Em síntese, diria que, mesmo sendo rodeado pelo sistema do '*karai reko*', e que ele continua tentando de toda forma extinguir o saber Guarani, ainda há uma parcela de pessoas que oferecem resistência e que defendem que nós Guarani ainda temos que realizar essas práticas.

Hoje em dia ainda é evidente a nossa dependência da nossa reza e dos seus principais elementos para mantermos o vínculo com a nossa ancestralidade. A não valorização da religião Guarani traz impactos que estão se mostrando fortemente no cotidiano, conforme demonstramos. Esses impactos são caracterizados como coisas

adversas para o nosso Tekoha e para os próprios indivíduos Guarani. É por isso que precisamos de pessoas que tenham o conhecimento desses saberes para podermos rebater essas coisas adversas.

De acordo com os meus interlocutores, precisamos ser dinâmicos quando a ideia é estimular as pessoas que estão com interesse na valorização da religião tradicional. Para eles, não falta tanta coisa para que sua revitalização aconteça, porque quando se questiona os Guarani sobre a religião, eles respondem com muita facilidade sobre a sua especificidade, demonstrando que ela continua viva na memória das pessoas, principalmente das mais velhas.

E percebemos que os jovens voltaram a ter interesse pelos conhecimentos e precisamos aproveitar a oportunidade para conversar com os mais velhos e com rezadores, no sentido de eles expor aquilo que têm de conhecimentos para os estudantes conhecerem sobre a nossa reza, batismo e demais rituais, principalmente com relação a sua utilidade e importância. Dessa forma, poderemos pensar e refletir sobre a ação das instituições que agem contrariamente ao modo de ser indígena, pois sabemos que as instituições antagônicas sempre buscam inferiorizar a religião Guarani e os indígenas que lhes oferecem resistência.

Uma das coisas que entendemos também que precisa ser pensada é como estimular os próprios rezadores da Reserva a retomarem os rituais, pois eles se encontram inseguros para dialogar ou até mesmo para reiniciar essa prática. Desta forma, precisaríamos repassar confiança para eles, chamando-os para as escolas, para repassar seus conhecimentos através da oralidade para os estudantes. Sobre isso, seria um grande passo chamar também as pessoas que ainda têm conhecimento sobre a confecção de cocar e artesanato para ensinar os estudantes a confeccioná-los.

Mas para isso, precisamos nos todos os professores da escola promover ações referentes aos saberes e os conhecimentos Guarani, mesmo que seja poucas coisas, fazer algo do tipo para assim as pessoas perceberem o quão da importância dos nossos conhecimentos e do nosso próprio ser Guarani, promovendo esses tipos de ações que contam com a presença de rezadores e de pessoas que tem profundos conhecimentos para estarem passando para os estudantes, ou seja buscar trabalhar assim dessa forma, por ser uma escola indígenas, no meu ponto de vista, uma escola para ser considerando como tal,

o primeiro e sempre os rezadores e depois as praticas e da transmissão da educação tradicional para as nossas crianças, para isso vamos contar com o espaço escolar.

E o mais importante que consideramos é que futuramente precisamos produzir material sobre esse tema, porque inexistente material didático relacionado à religião dos Guarani que seja material completo, levando em consideração a fala dos meus interlocutores de que há coisas que não podem ser redigidas.

Por outro lado, não podemos esquecer, que temos uma instituição muito útil para utilizarmos a nosso favor e que poderíamos utilizar para a propagação dos conhecimentos indígenas que é a escola. Pensamos que ela seria o melhor espaço para estimular as crianças a que valorizem esses conhecimentos. Para isso, podemos pensar num currículo que garanta a presença de conteúdos ligados ao assunto em debate. Falo isso pois a escola da Pirajuí ainda não é uma escola propriamente indígena, assim como se almeja, porém ainda é um sonho de todos os professores de tornar ela uma escola indígena, independente, autônoma, específica e bilingue. Mas, para isso, ainda precisamos ser dinâmicos para que isso se concretize. Precisamos batalhar um pouco mais com os poderes municipais para que ela seja de fato isso que toda a comunidade anseia, sendo esse também o desejo de todos os professores. Dessa forma, poderemos trabalhar dentro dela sobre os conhecimentos, a nossa História, as nossas antropologias e sobre a nossa própria religião, as nossas origens, a nossa vida.

Ou seja, ter a escola no interior da Reserva e utilizar ela como escola indígena seria uma ação muito bem-vinda, pois por meio dela nós podemos aproveitar e utilizar o currículo a nosso favor, valorizando principalmente os conhecimentos que ainda estão vivos nas memórias Guarani, embora isto requeira pesquisas com os próprios Guarani.

Num projeto com essa envergadura, o que é problema poderia ser uma potencialidade. As diferenças existentes entre os diversos grupos que compõem a reserva poderiam ser somadas e seria algo muito interessante, pois na certa que apareceria algo novo que um pode saber e outros não. Embora tenhamos muitas diferenças quanto aos saberes, às artes, às histórias, um projeto de valorização e recuperação da religião tradicional deveria pautar-se pelo respeito a essa diversidade de saberes. Digo isso porque no próprio conto das origens da vida dos Guarani, o conhecido mito dos gêmeos, “Jasy há Kuarahy”, cada família tem as suas narrativas peculiares e cada um narra a crônica de um jeito. Isso também vale para a própria reza, os cantos e a dança.

Não há como não pensar na importância que a escola tem dentro da reserva. Com ela é possível atingir toda a comunidade. A presença na escola dos rezadores, da parteira e dos conhecedores dos rituais dos Guarani e das pessoas que tem o saber sobre os benzimentos daria a exata dimensão da valorização que pretendemos dos conhecimentos e dos seus detentores.

Entretanto percebemos que, além de na escola, isso deveria ser motivado a partir da própria residência, começando com os pais, por meio da educação tradicional que ocorre através da oralidade. Mas aí nos deparamos com outro problema relacionado à falta de comunicação ou de respeito dentre os dois campos de religião, tanto do lado tradicional quanto do convencional. Para alguns dos meus interlocutores, o diálogo seria impossível, pois a religião convencional está em constante disputa e na busca de se sobrepor à outra cultura e religião. Porém, para os rezadores Guarani, esse diálogo é possível, pois eles não veem muita diferença entre as duas matrizes religiosas, ou seja, para eles o “DEUS” venerado ou em constante glorificação é um só, somente a sua forma de manifestar-se é diferente. O problema é que os indígenas que seguem a religião dos brancos se tornam intolerantes com a religião Guarani.

Lembro me quando tive o jeroky na casa do meu tio Leonardo Morales e o rezador que estava conduzindo a reza tratava todos com o maior respeito. Até os meus parentes que já tinham se convertido ao cristianismo ele os tratavam bem. Mas ele não recebia o mesmo tratamento dos cristãos. De fato, muitos alegam que as duas religiões são incompatíveis entre si e dificilmente poderiam interagir de maneira saudável.

Por isso a religião tradicional busca sempre respeitar as outras religiões, pois os rezadores sempre ensinam seus seguidores a pensar que cada povo tem o seu ‘**JARA**’, e nesse caso, precisamos de respeito para com todos. Mas ressalto que é preciso fazer um trabalho minucioso sobre o modo de ser dos Guarani também, porque cada família que mora na Pirajuí narra a forma como ocorre o ritual diferenciadamente, e isso poderia causar ainda mais separação e brigas se não for muito bem gerenciado. Ademais, não creio que seja possível juntar as informações sobre esse tema e chegar a um consenso. O respeito terá de acontecer também entre as várias versões existentes.

Outro elemento que considero central é que os Guarani têm apreço por contar histórias. Nos momentos em que fazem isso, eles demonstram que possuem muitos conhecimentos, embora nem sempre os pratiquem pela falta de condições que há na

reserva. É nesses momentos em que também aconselham as gerações mais novas. Eis uma conduta dos Guarani que sempre buscam conversar com os seus filhos. Inclusive os Guarani do passado não tinham o costume de castigar os filhos. E na Pirajuí, isso ainda é comum. Ainda acontecem as conversas entre os membros da família, com os pais aconselhando os filhos sobre o futuro e nunca demonstrando raiva ou algo do tipo.

Sabemos que os pesquisadores indígenas e professores precisam realizar um trabalho árduo de resgate. Logicamente que não resgataríamos os rituais dos Guarani na sua totalidade, mas podemos revitalizar os principais elementos que consideramos essencial para a nossa sobrevivência. Para vivermos intensamente e realizarmos na sua totalidade os rituais, precisaríamos estar nas nossas terras tradicionais e isso já uma dificuldade para os próprios rezadores e rezadoras, pois para eles a reserva desde a sua criação não é um ambiente salutar e, por isso, precisa ser amenizado ritualmente, como dissemos no corpo do texto: *“primeiro que nos já não estamos nas nossas terras tradicionais, que não é uma terra batizada e que não tem tataindy’y e que o nosso Jara não nós reconhecemos e assim corremos um grande perigo.”* (VERA)

Segundo ela, hoje em dia temos muitos problemas por causa disso, pela falta da realização dos rituais que ajudam para a nossa sobrevivência, tanto nossa como da própria terra.

Mas enfatizo aqui, como pesquisador e como estudante, que há problemas de saúde que só o rezador ou rezadora resolveria, não adiantando levar o doente a um médico e nem para uma igreja, porque, somente ele pode subtrair algo que só eles sabem como fazer pelo poder que lhe foi conferido pelo próprio TUPÃ. E é sobre questão que as religiões precisam conversar.

Para, Romero as instituições como as igrejas não servem para nada. Para ela é como se fosse querer se aproveitar da ingenuidade do nosso povo, segundo diz em outras palavras o que já desenvolvemos no corpo do texto:

numa noite de sexta feira, mais ou menos a meia noite sonhei, com um homem que estava utilizando um lindo cocar feitas de pena de arara e um pouco de louro na mão um lindo maracá e o johassaha no corpo, ele me diz assim: minha filha, você precisa rezar mais, para que eu, consiga ouvir vocês, para assim olhar e para ver constantemente e saber de vocês e olha o que apareceu ai no meio de vocês ...apontando me e uma direção e ouvi vários gritos como se fosse oração ou um grande tumulto, ou alguém pedindo socorro...não conseguia entender...e me falou: venha e olhe... e eram os crentes pentecostais, na medida que venho me

aproximando percebi que eram eles e me falou: aproxime se e olha...cheguei perto, e vi que era uma vasilha grande e dentro dela, vários coros brancos se debatendo e gritando e...como se fosse aquela vasilha estivesse o queimando de fogo, ou seja, estava em alto grau de calor a vasilha. E virou se para mim, esse Homem vestido de roupas típicas dos Guarani, eu falo...que ele e Guarani, por que falava bem a língua que, nos usa por aqui...e me falou: estes são os que estão trazendo o desentendimentos no Tekoha de vocês e que está atrapalhando a nossa conversa a bastante dias já, portanto faça a sua reza que eu mesmo cantei no teu ouvido, senão vai piorar, não escuto mais os meus irmãos e começou a cantar para mim e falou de novo...cuida deles para mim...e do nada acordei...e depois disso fiquei, doente por 15 dias e eu ouço...e continuo ouvindo esses canto suave no meu ouvido e me aparecia na mente a imagem desse homem, que não era homem e como se estivéssemos no ar quando ele pegou a minha mão e me levou para me mostrar aquela vasilha...mas só depois me dei conta que era o nosso Tupã que ainda demonstra a sua preocupação por nós. (ROMERO, entrevista concedida ao autor, 2022)

A visão contada por Romero denota que o nosso Tupã tem preocupação por nós e corrobora o que os pais sempre falam para ela e para os irmãos, antes de sair para roça de manhã à beira do fogo. E ela ressalta que se considera como ex-rezadora porque se converteu por um tempo à Igreja Cristã e depois saiu de novo dizendo que aquilo não era uma coisa importante e que o canto continua a soar no ouvido dela. Mas ela alega que se acontecesse novamente uma reza, estaria pronta para fazer a sua reza, mas ressalta que é importante a sua valorização, pois senão estaremos perdidos.

Portanto, ressalto que nós, enquanto professores, precisamos nos adiantar e fazer uma indagação sobre essas características relevantes para podermos iniciar um trabalho que vai dar resultado no sentido de que os nossos rituais sejam revitalizados e valorizados novamente pela nova geração, visto que eles demonstram interesses hoje e é um momento pertinente para se conversar e se pensar na sua valorização para assim dar sequência no resgate e também para buscar constantemente esclarecê-los sobre o assunto.

Outro elemento que precisamos pensar é que os estudantes foram criados dentro das igrejas cristãs, as quais lhes ensinaram suas doutrinas. Na doutrina cristã, o que estamos chamando de religião Guarani não passaria de engano, pecado, superstição. Mas continuamos insistindo que ela precisa ser tomada como religião para que receba o status que lhe foi historicamente retirado. Eu diria que, a religião dos Guarani contém os principais elementos que uma religião precisa ter, não sendo inferior a qualquer das outras religiões existentes.

E com relação a pesquisa realizada sobre a “religião tradicional”, ou seja, sobre os principais elementos que compõem uma religião tradicional, diria que aprendi muitas coisas relevantíssimas e as trago enquanto indagação, pois assumo que muitas coisas eu já sabia por ser da própria etnia Guarani, porém me deparei com vários aspectos que não eram como eu imaginava ou como eu sabia por meio dos meus pais e avós. Assim eu próprio, enquanto Guarani, me surpreendi com os elementos novos que acabei compreendendo no decorrer da minha pesquisa, talvez por crescer nas Igrejas e lá ter sido ensinado a ter outro tipo de mentalidade sobre os rituais da minha própria etnia. Isso acabou servindo de empecilho para ver a importância do nosso modo de vida e religião Guarani e dos seus elementos.

Aponto aqui as dificuldades com relação ao tempo para realizar uma pesquisa como essa. Por estar trabalhando em duas escolas que existem na Pirajuí, que exigem muita dedicação, pois trabalho com as crianças Guarani para as quais é necessário que se dê bastante atenção e se demonstre compromisso para com elas, tive dificuldade em arranjar o tempo necessário para realizar a etnografia que me dispus utilizar enquanto metodologia de pesquisa. Para poder acessar as narrativas orais, tive de tirar tempo principalmente na parte da tarde e à noite, conversando e trocando ideias com várias pessoas da reserva, mas aqui no meu trabalho só citei os nomes com quem conversei por mais tempo. Mas, mesmo assim, esse tempo que consegui dedicar à etnografia foi muito produtivo para mim. Não posso reclamar também de meus interlocutores e interlocutoras, que são pessoas bastante humildes e muito acolhedoras. Elas demonstraram como se aplica o espírito de reciprocidade quando realizei as visitas, respondendo a todas as questões que lhes direcionei. Obtive êxito nisso.

E com relação a língua, obtive êxito, porque sou falante da mesma língua dos meus interlocutores. Por isso não tive dificuldades para dialogar com eles. Somente no decorrer das conversas houve um mínimo de dificuldades com relação à tradução e registro, pois os Guarani de idade têm o costume de não resumir as suas histórias narradas, mas no fim obtive o melhor resultado que poderia almejar, ou seja, as conversas me renderam uma quantidade imensurável de aprendizado. Mesmo sendo Guarani, aprendi coisas novas que não entendia e nem compreendia.

Portanto, aprendi que sendo um pesquisador do nosso modo de ser, preciso pesquisar profundamente, não ficando na superfície do fenômeno, por ser tudo de muita relevância. Gastei bastante tempo na descrição das informações coletadas porque isso terá

grande utilidade futuramente para as escolas, visto que utilizarei nela essas informações. Quanto a isso, penso a escola precisa se comprometer, e eu o faço em nome dela, a ensinar tais conteúdo para que se reinicie novamente a sua valorização e para que possamos, por meio deles, resgatar muitos outros elementos relacionados a esse conhecimento. Isso eu venho propondo para mim e para a minha comunidade, pensando nos jovens do futuro, pois, para os meus interlocutores, os jovens que não têm conhecimento sobre esses saberes se encontrariam em dificuldades para lidar com o mundo, e por isso eles são os que mais necessitam disso.

E com relação à pesquisa que venho desenvolvendo, considero que, após analisar os resultados que obtive no final, ela contribuiu muito para mim e eu diria que cheguei às respostas que deseja. Entretanto, dentro da reza, do canto, da dança, do batismo e do benzimentos, apesar dos bons resultados, resalto que não fui autorizado a escrever sobre tudo o que ouvi por orientação dos meus interlocutores(as).

Com relação a isso, saliento que cheguei a um ponto no qual os meus interlocutores não podiam mais me contar, porque alguns saberes eram considerados peculiares e eram somente válidos para aquelas famílias. Por exemplo, na questão de benzimentos das crianças com coalho virado, muitas famílias alegam que eles têm a sua forma própria de arrumar a criança, com as manobras tradicionais pertencente àquela família e que somente eles poderiam repassar para um membro da família.

Mesmo que tenha conseguido resultados satisfatórios nas minhas indagações, ficam muitos elementos que podem ser aprofundados em outras pesquisas que venham a se debruçar sobre os rituais dos Guarani Ñandeva.

Hoje, muitos Guarani demonstram a preocupação por saber que muitas demandas dependem do nosso modo de vida e da nossa reza, inclusive a busca de solução para problemas maiores como as mudanças climáticas. E os Guarani respeitam muito a própria terra. Eles nunca acabariam com a vida da Terras para satisfazer as suas ambições. Mesmo que a Pirajuí seja uma reserva, ainda conseguimos ver nela muitas riquezas relacionadas ao seu ecossistema. A preservação dela é um projeto de muitas famílias, pois a reza sem a natureza e sem a terra, ela não é nada. A reza sem o nosso território, é impossível de acontecer, como dizem muitos Guarani; primeiro a nossa reza, juntamente com o “*ñane pyrūha*”, senão estamos lascados!

Precisamos ao mesmo tempo estudar e nos tornar letrados para que juntos pensemos em como rebater tudo isso que está deteriorando não somente o nosso modo de viver, mas também a própria natureza, que é uma das coisas mais preciosas que temos e que precisamos dela. E através da escola, isso é possível. Para isso precisamos semear na cabeça das nossas crianças para que eles cresçam com espírito de reciprocidade não somente entre si, mas incluindo nela toda a natureza e principalmente o nosso olhar indígena para o mundo e a forma como nos relacionamos com ele. Porque se todos nós partirmos na direção do modo de viver dos karai, isso nos trará muitas consequências negativas, talvez não para nós, mas sim para os nossos filhos, para os nossos netos. E se pensarmos hoje, a partir das mudanças climáticas, já podemos perceber qual será o fim da nossa Terra Mãe.

Por isso, como diz o meu tio Avelhano, precisamos nos fortalecer e continuar rezando, ao som do nosso maracá e em nome das nossas crianças, pela vida deles e pelo nosso tekoha que, hoje em dia se encontra rodeado por espíritos maus que querem nos ver mortos. Para ele, esses espíritos são dos karai, os quais nos trouxeram o espírito do egocentrismo, do individualismo, principalmente as instituições adversas aos nossos conhecimentos tradicionais baseados na coletividade e na reciprocidade. Tudo isso, precisamos sempre repassar aos nossos filhos e principalmente nas escolas, pois muitos acabam pensando que a escola é a nossa via para o profissionalismo. Por certo que é, mas precisamos ter na cabeça o pensar sobre o outro, não somente como ser humano, mas englobando a natureza e a dimensão espiritual em geral.

Por isso é que, num tekoha onde ainda tem rezador, precisamos dialogar com ele ou ela, perpassar a ele palavras de ânimo para que os nossos rituais sejam fortalecidos novamente, mostrando para as crianças que sem a nossa reza não conseguiríamos chegar até aqui. Isso valorizaria os nossos pais, os nossos avôs e a resistência que empreenderam ao longo das décadas passadas e abriria caminhos para pensarmos no que almejamos para o futuro. Foi essa espiritualidade da reza que nos auxiliou a afixar na constituição brasileira os nossos dois artigos que são o 231 e o 232; foi ela também que nos fortaleceu nas lutas contra os ruralistas e nos fortaleceu diante do Supremo Tribunal Federal para derrubar o marco temporal. Esses fatos precisamos repassar para as nossas crianças, mostrando a elas que não aconteceram em vão, mas que tem uma base na força que a reza proporciona nos embates que empreendemos contra os agentes da colonialidade. A nossa religião e os nossos rezadores são meios pelos quais o nosso Tupã vem preparando o

nosso futuro e cuidando do chão que estamos pisando. Como o meu tio Avelhano falou, o dia que a nossa reza acabar isso quer dizer que não tem mais Guarani no mundo, ou se foi tudo, ou se assimilou com a sociedade nacional e assim o mundo acabaria.

Por outro lado, vejo que a FAIND, por meio do Teko Arandu, vem formando vários professores que possuem a intenção de trocar ideias com as comunidades indígenas para encontrar solução para nossos problemas cotidianos. Na FAIND, percebemos que não estamos sozinhos. Ela permite que demos as nossas mãos uns aos outros para vestir a camisa da nossa causa indígena e para lutar tanto para manter a nossa cultura que tem um amplo significado, quanto para melhorarmos a vida nas nossas comunidades de forma holística, integrando as pessoas, a natureza, os seres inanimados, o mundo espiritual.

Percebemos que o mundo está pedindo socorro. Mas, do outro lado, o capitalismo está veemente, sem se preocupar com os acontecimentos que levam à destruição da vida. A reza dos Guarani e seus ricos conhecimentos podem ser um contraponto a tudo o que está acontecendo. Nós acreditamos que a nossa reza ainda tem poder suficiente para resolver os malefícios causados pelo *'karaí reko'*. Como me falaram os meus interlocutores: *"nós vamos ganhar ainda, pode não ser hoje, mas em breve..."*

Essas palavras do meu tio Avelhano, me fizera refletir bastante, mas não entendi muito bem até hoje o que ele quis dizer. Só sei que se referia a algo bom para os povos Guarani. Com tais palavras, a preocupação que tinha com relação ao mundo meio que se acalmou. Mas diria aqui que precisamos ser dinâmicos em relação a nossa reza e aos nossos rezadores que ainda se encontram vivos, pois amanhã pode ser tarde também para aproveitar a sua presença e acessar ao máximo os conhecimentos que possuem e talvez pedir para eles rezarem pelos jovens para que mais para frente, se o Tupã permitir, escolha novamente rezador ou rezadora para a Pirajuí. Isto seria o primeiro passo que nós daríamos. O restante a gente, enquanto professor, trabalharia juntamente com ele ou ela para construir, do contrário somente nós que vamos perder, e perder tudo mesmo.

E ao mesmo tempo podemos pensar que, no Governo atual, temos mais caminho aberto por assim dizer, temos muitos parentes indígenas em Brasília. Penso eu que podíamos aproveitar o momento e tornar tudo que tem a ver com os rezadores, os conhecimentos e outras coisa relevantes, assunto em nível nacional. E quem sabe assim poderíamos ajudar os rezadores a se beneficiar igual os pastores, pois na minha concepção o rezador é tão importante quanto o pastor. Os dois estão cuidando do seu povo, ou do

seu rebanho, cada um a sua maneira e segundo os seus interesses. Seria tão bom se a incumbência dos dois tivesse a mesma equivalência. Mas nós Guarani, mesmo sem ajuda, precisamos continuar rezando para o bem de todos até o nosso último suspiro, precisamos fazer que nem o sol que não escolhe brilhar para somente alguns, que não somente clareia para os bons, mas também para os que praticam perversidade, rezando por todos. Então sendo Guarani devemos pensar dessa forma. Mesmo que o capitalismo esteja engolindo paulatinamente os modos de vidas dos Guarani, como sempre muitos dizem, é preciso “RESISTIR PARA EXISTIR”. E isso somente se dará através das nossas rezas, dos nossos cantos, da nossa dança, dos nossos benzimentos, dos nossos batismos e principalmente por meio dos nossos rezadores (as). Isso será possível, mas não somente pela execução dos rituais. Precisamos repassar para as nossas futuras gerações esse espírito de luta para que os nossos conhecimentos tradicionais e as nossas práticas se perpetuem no ser dos Guarani por muitos e muitos anos.

E por fim dizer que, as perguntas que fiz para os meus interlocutores, como por exemplo daquilo que eles tem de conhecimentos correlação aos conhecimentos sobre a reza, o canto e a dança, eles se mostraram muito firme de apontar naquilo que são peculiares dos Guarani ou seja, daquilo que eles compreendiam por meio dos seus pais ou dos seus avos, e aqui abro um parênteses para explicitar bem que para os Guarani esses três elementos somente tem a significância de “JEROKY” e esse termos já se refere nos mesmos. Entretanto, todos que indaguei como meus interlocutores são indivíduos que perpassaram pelo batismo, todos eles têm o nome em Guarani e eles falam com propriedade de que pessoas que possuem ou que perpassaram pelo batismo, raramente adoecem, mas que, como se fosse algo para fortalecer o corpo e alma.

E todos eles acompanhavam os seus pais e avos nas festas tradicionais que ocorriam no seu tekoha e nos arredores, e que segundo eles, hoje em dia está completamente diferentes, quando se olham principalmente nos tekoha, nas vivencias no interior dela, dos comportamentos e principalmente os indivíduos que estão crescendo hoje em dia e a educação que eles estão recebendo já não são as mesma dos tempos deles, nas palavras de alguns e como se fosse o tekoha e a própria Terra estivesse se afundando na tristeza.

E como eu vinha explicitando no decorrer da descrição do trabalho, os saberes tradicionais está cada vez mais entrando em extinção, os benzimentos por exemplo somente alguns ainda e possível perceber, ou seja, para mim, mas quando se questiona

um dos meus interlocutores eles a descrevem vários tipos de benzimentos que são benzimentos que eu considero importante, porque é relacionado ao bem viver dos Guarani, embora exista o antagônico também.

Penso eu que, talvez através dos trabalhos minuciosos é possível resgatar esses conhecimentos, mas ao mesmo tempo não seria interessante somente resgatar, pois precisamos da sua ação também e pode ser por outro lado que tenha a sua forma peculiar de execução, ou talvez, tenha sua restrição de uma mera pessoa querer realizar esses saberes que somente pertence a uma família em específico. Da mesma forma de pôr no papel por meio das indagações ou pela via escola, ela tem todos os seus processos de ser possível ou não. E por outro lado, pela escola, muitas vezes e um pouco vantajoso, pois os Guarani têm a característica de contar para os seus filhos. Mas, na medida do possível, como estudante e pesquisador precisamos insistir, quando pensamos em sua revitalização e da sua valorização e quando se demonstra a preocupação de que a extinção dos saberes se torne de fato extinto e que impactaria a vida em geral dos Guarani.

E dizer por fim que, com cautela e insistentemente fazer o nosso papel de professor indígenas, talvez tenhamos dias que seremos feliz por alcançar aquilo que almejamos em relação dos nossos conhecimentos e podemos também muitas vezes nos entristecer pela perda, mas sempre com vontade de recuperar aquilo que é nosso e que não poderemos deixar escapar, que são os nossos conhecimentos que sempre dependeremos sobre eles para nos manter vivos em manter o nosso ser Guarani para sempre.

REFERÊNCIAS ORAIS

MEDINA, Cerça. Depoimento [maio 2023]. [Entrevista cedida a] Geoni Morales, Paranhos, 2023. Arquivo de áudio digital. Entrevista concedido no âmbito da dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade-Faind, desenvolvido por Geoni Morales junto com a Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados.

MEDINA, Aveliano. Depoimento [maio 2023]. [Entrevista cedida a] Geoni Morales, Paranhos, 2023. Arquivo de áudio digital. Entrevista concedido no âmbito da dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade-Faind, desenvolvido por Geoni Morales junto com a Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados.

OLIVEIRA, Luciana. Depoimento [maio 2023]. [Entrevista cedida a] Geoni Morales, Paranhos, 2023. Arquivo de áudio digital. Entrevista concedido no âmbito da dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade-Faind, desenvolvido por Geoni Morales junto com a Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados.

MORALES, Maximino. Depoimento [maio 2023]. [Entrevista cedida a] Geoni Morales, Paranhos, 2023. Arquivo de áudio digital. Entrevista concedido no âmbito da dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade-Faind, desenvolvido por Geoni Morales junto com a Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados.

RICARDO, Otoniel. Depoimento [setembro, 2023]. [Entrevista cedida a] Geoni Morales, Paranhos, 2023. Arquivo de áudio digital. Entrevista concedido no âmbito da dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade-Faind, desenvolvido por Geoni Morales junto com a Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados.

ROMERO, Olimpia. Depoimento [abril 2022]. [Entrevista cedida a] Geoni Morales, Paranhos, 2022. Arquivo de áudio digital. Entrevista concedido no âmbito da dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade-Faind, desenvolvido por Geoni Morales junto com a Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados.

VERA, Felicita. Depoimento [maio 2023]. [Entrevista cedida a] Geoni Morales, Paranhos, 2023. Arquivo de áudio digital. Entrevista concedido no âmbito da dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade-Faind, desenvolvido por Geoni Morales junto com a Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALENCAR, Larissa Albuquerque de. AVELLAR, Luciana de Castro Maeda. ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Os povos Guarani e suas relações cotidianas: Uma memória em construção**. Universidade Estadual Paulista (UNESP)- Campo de Assis, Centro de documentação e Apoio a Pesquisa (CEDAP). Assis, SP, v. 17, n.1, p. 9-34, janeiro-junho 2021. Patrimônio e Memória ISSN: 1808-1967, <http://pem.assis.unesp.br>

BÁEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BEZERRA, Karina. **História geral das Religiões**. Universidade Católica de Pernambuco - Polo Ead Unicap. 2011.

BRAND, Antônio Jacó. **O confinamento e o seu impacto sobre os Pai-Kaiowá**. Dissertação (Mestrado em História) -Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

CHAMORRO, Graciela Chamorro Arguello Cândida. **Terra Madura Yvy Araguayje: Fundamento da palavra Guarani**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

COHN, Clarice. **Culturas em transformação: Os índios e a civilização**. Departamento de Antropologia, São Paulo, abril, 2001, Brasil.

COUTINHO, José Pereira. **Religião e outros conceitos**. Sociologia, Universidade de Faculdade de Letras da Universidade de Porto, vol. XXIV, 2012, pag. 171-193. Númena – Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas.

CUNHA, Manuela Caneiro da. **Histórias dos índios do Brasil/ organização Manuela Caneiro da Cunha** - São Paulo: Companhia de Letras: Secretaria Municipal de Culturas: FAFESP-1992.

Da Silva, Darci. **Nhemongarai: Rituais do Batismo Mbyá Guarani/ Darci da Silva.** Trabalho de Conclusão de curso (GRADUAÇÃO) Universidade Federal de Santa Catarina, centro de Filosofia e de Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural Indígenas do Sul, da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Enap escola Nacional de administração pública. ENAP, 2021. A história dos povos indígenas Brasileiros. Acesso aos direitos fundamentais: uma abordagem da pauta indígenas. Diretoria da educação continuada, SAIS- Área 2-A- 70610-900, Brasília, DF.

FAUSTINO, Rosângela Célia. **Religião Guarani Nhandewa: uma complexa organização e recriação para a vida e educação.** Revistas Brasileira de História das religiões. ANPUH, ano III, n, 7, na Mai 2010-ISSN 1983-2850 <http://www.dhi.uem.br/gtreligião> - Artigos.

GAARD, JOSTEIN, 1952-. O livro das religiões / Jostein, Gaard, Victor Hellern, Henry Notaker; tradução Iza Mara Lando; revisão técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. – São Paulo: companhia das Letras, 2000.

GUESSE, Érika Bergamasco. **DA ORALIDADE À ESCRITA: OS MITOS E A LITERATURA INDÍGENA NO BRASIL.** Érika Bergamasco GUESSE UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Campus Araraquara erikabg@fclar.unesp.br

KNAPP, Cássio. **Educação escolar indígena: o ensino bilíngue e os Guarani e Kaiowá/** Cássio Knapp. -1. ed.- Curitiba [PR]: CRV,2020. 360 p.

KREUTZ, Marcos Rogerio. **DOS SANTOS, Paula Dresch. MACHADO, Neli Galarce. LAROQUE, Luís Fernando. A colonização dos Guarani nas Planícies do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil.** Tellus, ano 14, n. 27, pag. 33-66, jul./ dez. 2014. Campo Grande, MS.

LIMA, Salvadora Cáceres de Alcântara. Mobilidade espacial Guarani e Concepções da Natureza. Estudos históricos – CDHRPyB- Anõ VIII-Julio 2016- nº 16-ISSN:1688—5317, Curuguaty.

MAIA, Bruna Soraya Ribeiro. Melo, Vico Denis Souza de. A colonialidade do Poder e suas Subjetividades. Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais-UFJF v.15n.2 julho. 2020. ISSN 2318-101x (online) ISSN 1809-5968 (print)

MARTINS, Fernanda Santa Rosa Ayala. O serviço de proteção aos índios e localização de trabalhadores nacionais e a política agrária na primeira república: grupos agrários, projetos e disputa no Maranhão (1910-1918) / Fernanda Santa Rosa Ayala. – 2012. 105 f.; il. Dissertação mestrado da Universidade Federal Fluminense, instituto de Ciências Humanas e Filosofia, departamento de Histórias, 2012. Bibliografia: f, 114-120.

MENDES CHAMORRO, Leandro Kuaray Mimi. **O BATISMO DE MBYA GUARANI: OS NOMES E SEUS SIGNIFICADO.** Trabalho de Conclusão de curso de Graduação, no âmbito da Licenciatura em Matemática, pelo curso de Formação Intercultural em Educação Indígenas, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

Morales, Geoni. **A Reza dos Guarani Nhandeva (Aspectos Observado na Reserva de Pirajui).** Trabalho de Conclusão de curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Teko Arandu, Habilitação em Ciências Humanas, 2021.

RAMOS, Antônio Dari. **O medo instrumentalizado: Província Jesuíticas do Paraguai (1609-1637)** /Antônio Dari Ramos. – Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2007. 224 p.

SCHADEN, Egon. **A religião Guarani e o Cristianismo**. Contribuição ao estudo de um processo histórico de comunicação e intercultural. REVISTA DE ANTROPOLOGIA. Conferência feita no IV Simpósio Nacional de Estudo Missionários, realizado em Santa Rosa no Rio Grande do Sul de 20 a 23 de outubro de 1982, Vol. 25.

SILVA, Joselaine Lima. **Colonialidade dos coletivos Indígenas: debate necessário no ensino da História e desafios em sala de aula**. ANPUH BRASIL-31 SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA RIO DE JANEIRO/RJ, 2021.

SILVA, André Luís Freitas da. **Redução Jesuítico-Guarani: espaço de diversidades étnica**/ André Luís Freitas da Silva. -Dourados, MS: UFGD, 2011. 174 f.

TEAO, Kalna Mareto. Loureiro, klitia. História dos Indígenas do Brasil. 2009 ES editora.

TRINDADE, Dayse Caroline Costa. **O processo “Colonização” da América e da acumulação do capital**. Uma relação de consequências Históricas nos modos de vida, cultura, identidades e territórios e comunidades tradicionais da Amazônia. IX Jornada internacional de Políticas Públicas. Universidades Federal do Maranhão, Centro de Ciências Sociais, Programas de Pós Graduação em Políticas Públicas. Agosta 2019.

Wikipédia. **COLONIALIDADE**. A enciclopédia livre. Wikis loves Monuments 2023/ Brasil/sobre.

XAVIER, Antônio Roberto e Do VALE XAVIER Lisimere Cordeiro. **Colonização é a formação da sociedade brasileira. Causas, características e consequências**. XI encontro Cearense de História e de Educação. I Encontro nacional de núcleo de História e memória de Educação. 2012.

ZUSE, Silvana. **Os Guarani e a Redução Jesuíticas: Tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção de artefatos cerâmico do sítio Pedra Grande e entorno**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Arqueologia. São Paulo, 2009.